

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A GRUTA DO LUGAR DO CANTO (ALCANEDE) E SUA IMPORTÂNCIA NO FASEAMENTO DO NEOLÍTICO NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS*

João Luís Cardoso¹ & António Faustino Carvalho²

1. INTRODUÇÃO

A gruta natural do Lugar do Canto, Valverde (freguesia de Alcanede, concelho de Alcanena) foi descoberta ocasionalmente por ocasião da abertura de uma cisterna, em calcários jurássicos, junto da casa de um dos habitantes do lugar, em finais de Julho de 1975 (Fig. 1). Chamados de urgência, através de telefonema do chefe da estação dos correios de Alcanede, os técnicos dos então designados Serviços Geológicos de Portugal, Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira compareceram no local logo no dia seguinte, 1 de Agosto.

Constatado o interesse arqueológico da cavidade, e depois de instruída a população local para que não destruísse, com a sua natural curiosidade, o depósito arqueológico nela existente, ficou assente que a respectiva escavação fosse efectuada logo que possível, contando para o efeito com a colaboração de diversos colaboradores habituais da Veiga Ferreira em anteriores explorações arqueológicas, feitas foras das horas normais de serviço, aos feriados e fins de semana: o Dr. Manuel Leitão, o Eng. C. T. North e o Dr. J. Norton.

As escavações iniciaram-se a 11 de Outubro de 1975 e tiveram continuidade, de acordo com a minuta inédita do inventário do espólio recolhido, conservada no arquivo de O. da Veiga Ferreira, nos dias 18 de Outubro, 1 de Novembro, 8 de Novembro, 22 de Novembro, 6 de Dezembro, 13 de Dezembro, 20 de Dezembro, 3 de Janeiro e 10 de Janeiro de 1976, dia em que terminaram os trabalhos de campo. O dilatado período de tempo em que estes decorreram, mostra que a população aceitou e compreendeu as recomendações feitas pouco tempo depois da descoberta, não sem que antes se tivessem produzido, como seria de esperar, estragos por curiosos que penetraram na gruta, dela removendo alguns artefactos, felizmente conservados em casa do proprietário do terreno, o Sr. Manuel Pereira, até à chegada dos arqueólogos.

A publicação dos resultados, a espeleometria da gruta, a planta das áreas intervencionadas e o inventário do material recolhido, consta de dois trabalhos, o primeiro apresentado à Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa por G. Zbyszewski, a 19 de Janeiro de 1978 (ZBYSZEWSKI, 1978/1979), o segundo, mais desenvolvido, publicado em 1987 (LEITÃO *et al.*, 1987).

A publicação mais moderna incluiu a apresentação dos resultados do estudo anatómico dos restos humanos exumados, realizado pelo antropólogo americano Scott L. Rolston, no decurso de diversas viagens a Portugal, entre 1979 e 1984, de grande interesse para o conhecimento das características das populações neolíticas do ocidente peninsular.

* Desenhos de Filipe Santos Martins.

¹ Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). E-mail: arqueolo@univ-ab.pt

² Universidade do Algarve, F.C.H.S., Campus de Gambelas, 8000-117 Faro. E-mail: afcarva@ualg.pt

Igualmente importantes são as considerações apresentadas pelos autores sobre a integração cronológico-cultural desta comunidade, no quadro da neolitização do território português. Por isso, logo após a entrega por M. Leitão a um de nós (J.L.C.), a 19 de Setembro de 1998, do material antropológico que ainda conservava em seu poder, destinado ao Museu Nacional de Arqueologia, onde foi entregue a 1 de Outubro do mesmo ano, aproveitou-se um conjunto de fragmentos ósseos desprovidos de interesse anatómico para uma datação absoluta, pelo método do radiocarbono, a qual de facto se veio a realizar (Sac-1715, certificado datado de 9 de Maio de 2001), cujo interesse, por documentar claramente a formação do depósito funerário no decurso do Neolítico Médio, período ainda tão mal conhecido no território português, justificou a sua publicação (CARDOSO, 2006). Esta está na origem da preparação deste estudo, no qual se apresenta, pela primeira vez, o desenho de todos os materiais arqueológicos conservados, considerado um passo indispensável para a correcta caracterização do conjunto, o qual, actualmente, se encontra repartido por duas Instituições: o Museu Geológico do LNEG, Laboratório Nacional de Engenharia e Geologia, onde se guardam todos os artefactos de pedra polida actualmente conservados e alguns de pedra lascada; e o Museu Nacional de Arqueologia, que conserva a maioria das peças de pedra lascada, os objectos de adorno e a utensilagem de osso (exceptuando um exemplar). No total, apenas não se identificaram, de entre as largas dezenas de peças listadas no estudo publicado em 1987, os seguintes exemplares, assim descritos, alguns deles também reproduzidos através de contornos esquemáticos (apenas os que possuem numeração entre parêntesis):

- enxó de xisto anfibólico da sep. H-1 (n.º 5);
- machado de rocha podre da sep. H-2 (dolerito ?);
- núcleo de sílex negro da sep. H-3 (n.º 16);
- conta discoidal de xisto da sep. H-A (n.º 18);
- núcleo de sílex da sep. H-A (n.º 20);
- machado de anfibolito polido, da sep. H-13A “metido no estalagmito”;
- enxó de xisto anfibólico polido, da sep. H-13A, idem;
- duas lâminas de sílex, da sep. H-13^a, idem;
- micrólito de sílex, da sep. H-14 (n.º 53);
- machado ou enxó muito pouco típico, da sep. H-16 (n.º 66);
- fragmento (superfície lateral) de defesa javali (*Sus scrofa*) da sep. H-19;
- lasca de sílex; pequeno fragmento de quartzo; esquirola de quartzo; e dente de *Cervus* (n.º 88), das sep. H-22 e H-23.

Os exemplares em falta são, em geral, pouco relevantes, face aos conservados, pelo que a sua ausência em nada altera a representatividade do conjunto conservado.

Por outro lado, observaram-se discrepâncias na classificação apresentada pelos autores de diversas peças, como é o caso do supra-referido dente de *Cervus*, que, na verdade, corresponde a um terceiro molar inferior esquerdo de *Bos* sp, encontrando-se, pois, ainda entre o espólio actualmente existente.

Assim, este estudo encontra justificação na publicação adequada e completa, da totalidade do espólio da gruta do Lugar do Canto actualmente conservado, de acrescido interesse por corresponder a uma das raras associações fechadas, abundantes e diversificadas, representativas do Neolítico Médio do território português.

Porém, esta reapreciação, envolvendo o enquadramento cronológico-cultural da estação, à luz de descobertas ulteriores ao estudo de 1987, só foi possível graças à evidente qualidade da escavação, evidenciada tanto pelo seu registo gráfico, como pela referenciação individualizada de cada peça ao respectivo contexto, apesar das condições adversas em que sempre decorrem os trabalhos arqueológicos em gruta, como foi o caso.

À qualidade do trabalho de campo efectuado, soma-se o interesse da discussão do significado da associação artefactual efectuada pelos exploradores, preocupação pioneira para a época em que foi realizada e de inequívoco

valor, o que só evidencia a assinalável intuição dos seus autores e a capacidade de interpretar a escassa informação então disponível. Assim sendo, o presente contributo enquadra-se bem neste volume de Homenagem a O. da Veiga Ferreira, um dos autores da escavação e da publicação de 1987, e, sem dúvida, o animador e orientador da equipa que esteve na origem tanto de uma como de outra.

2. ANÁLISE DOS MATERIAIS

Neste estudo, serão valorizadas as características tecno-tipológicas dos materiais arqueológicos actualmente conservados, visto que as associações artefactuais respectivas, expressas por conjuntos sepulcrais, foram já apresentadas na publicação de 1987. Assim, por forma a poderem ser conhecidos os contextos originais de cada peça, serão indicados, nas legendas das figuras, o número de inventário e o respectivo conjunto funerário, expresso pela letra H, ambos atribuídos pelos escavadores.

2.1. Pedra lascada

Os materiais votivos em pedra lascada que acompanhavam as deposições funerárias na Gruta do Lugar do Canto constituem um conjunto formado por núcleos, lâminas e lamelas, micrólitos geométricos e microburis. Como já se disse, não foi possível reanalisar directamente a totalidade constante do catálogo publicado no artigo de Leitão e colaboradores (1987) por não ter sido localizado o paradeiro de algumas das peças aí listadas.

2.1.1. Núcleos

Dos cinco núcleos listados por aqueles autores, foi possível analisar directamente quatro, que se descrevem do modo indicado abaixo. O seu pequeno número impede conclusões desenvolvidas acerca desta componente específica.

- Núcleo de tipo prismático para lamelas, de plataformas opostas, ambas lisas, em cristal de rocha, com um comprimento de 7,6 cm (Fig. 4, n.º 5). Note-se que não se recolheram quaisquer lamelas nesta matéria-prima, o que reforça o carácter exclusivamente votivo desta peça.
- Núcleo prismático em sílex, para lamelas, com uma plataforma lisa, medindo 5,2 cm de comprimento máximo (Fig. 4, n.º 6). Apresenta o brilho característico da aplicação de tratamento térmico.
- Núcleo bipolar ou peça esquirolada em sílex, com 4,2 cm de comprimento (Fig. 5, n.º 10), o qual se encontra naquele artigo classificado como lasca (Leitão *et al.*, 1987, p. 45).
- Pequeno núcleo informe em sílex, para lascas (Fig. 5, n.º 8).

2.1.2. Lâminas e lamelas

Deste grupo analisou-se directamente um total de 19 exemplares (11 lâminas e 8 lamelas), dos 21 inventariados; esta diferença dever-se-á ao facto de duas lâminas fazerem parte dos materiais “metidos no estalagmito” da “deposição ritual do cadáver” designado pelos autores da escavação por H-13A (LEITÃO *et al.*, 1987, p. 46), que

não foi estudada. Somente oito peças do conjunto analisado (isto é, menos de metade) se apresentam intactas; as restantes 11 peças são constituídas por fragmentos proximais e mesiais (5 peças em cada categoria) e distais (1 peça). A observação das fracturas permite concluir que, na sua maioria ou mesmo na totalidade, a fragmentação das mesmas é antiga, não podendo por exemplo ser imputada à frequentação da gruta por populares aquando da sua descoberta, ou a acidentes posteriores. Partindo do princípio segundo o qual a gruta não teria sido visitada após o seu encerramento ainda em época neolítica, esta observação significará, provavelmente, que a segmentação destas peças era intencional e estaria relacionada com a função específica de cada utensílio e, deste modo, talvez também com o respectivo modo de encabamento.

Em termos tecnológicos, estes materiais votivos formam uma indústria de morfometria tendencialmente laminar de pequenas dimensões, mas onde sobressaem algumas peças de dimensões apreciáveis que evocam as produções características do Neolítico Final e Calcolítico, como é o caso, por exemplo, da peça ilustrada sob o n.º 9 da Fig. 6. A referida tendência laminar é observável tanto nas dimensões médias destes produtos ($7,45 \pm 2,75$ cm e $1,27 \pm 0,52$ cm de comprimento e largura, respectivamente), como nos seus comprimentos e larguras máximos (12,7 cm e 2,6 cm, respectivamente) e mínimos (4,5 cm e 0,6 cm, respectivamente). A comparação destes padrões com os valores homólogos conhecidos para conjuntos do Neolítico antigo regional, os únicos cujos dados se encontram disponíveis actualmente (CARVALHO, 1998), confirma efectivamente esta conclusão: com efeito, para aquele período, os padrões métricos obtidos indicam que os produtos alongados muito raramente excedem os 1,8 cm de largura e, por norma, atingem picos de frequências entre 0,8 e 1,0 cm.

Na análise deste conjunto verifica-se que se está perante material debitado por pressão ou por percussão indirecta. No sentido desta conclusão aponta a observação de que se trata de peças com bordos e nervuras muito regulares, secções transversais de geometria trapezoidal e, por norma, com talões apresentando larguras inferiores à largura média atingida pelo corpo da peça; o facto de os bolbos serem salientes, fazendo-se por vezes acompanhar de ondulações nítidas, indica que talvez a segunda das técnicas referidas seja a mais frequente. O reduzido número de exemplares impede, porém, conclusões mais seguras a este respeito. Assinale-se, em complemento destas observações de índole tecnológica, que os talões se apresentam predominantemente facetados (em 5 das 9 peças que os preservavam), e que o tratamento térmico do sílex é visível macroscopicamente em 6 peças, o que significa 31,5% do total.

A maior parte das lâminas e lamelas deste conjunto não apresenta qualquer tipo de retoque: apenas em 6 casos se observou retoque intencional e em 2 marcas de utilização em bruto (microdenticulados nos gumes associados a finas estrias na diagonal). Isto significa que 11 peças (isto é, 57,8%) se apresentam em bruto. Por seu lado, a tipologia do material retocado é muito simples, sendo composta apenas por peças com retoques descontínuos (4 exemplares) e por entalhes (2 exemplares).

2.1.3. *Micrólitos geométricos*

Nesta categoria registam-se 35 peças, sendo a esmagadora maioria composta por trapézios, num total de 33 exemplares. Os triângulos e os segmentos, também presentes, estão representados somente por 1 exemplar cada (um triângulo escaleno, no primeiro caso), pelo que as considerações seguintes se referem apenas àquela componente.

O grupo dos trapézios pode subdividir-se em cinco tipos específicos principais, que apresentam os seguintes efectivos:

- trapézios simétricos: 9 exemplares (28,1% dos trapézios);
- trapézios assimétricos: 15 exemplares (46,8%);

- trapézios assimétricos com uma truncatura côncava: 1 exemplar (3,1%);
- trapézios rectângulos: 3 exemplares (9,3%);
- trapézios de tipologia indeterminada (fragmentados): 4 exemplares (12,5%).

Todas estas peças possuem, por norma, retoque directo abrupto e truncaturas rectas, salvo o único caso indicado acima. Deve assinalar-se, contudo, que cinco exemplares (dois trapézios rectângulos, um trapézio simétrico e dois trapézios assimétricos) apresentam as respectivas bases menores retocadas: duas com retoque marginal inverso (Fig. 7, n.º 6 e 8), uma com retoque abrupto directo contínuo (Fig. 8, n.º 2) e as restantes duas com um entalhe (Fig. 7, n.º 5 e 11). Estas últimas peças consistem no tipo que os autores apelidaram de “trapézio com “coche” lateral” ou “trapézio tipo Monchique”, numa alusão ao tipo comum na fase neolítica da conhecida necrópole de cistas da região epónima (LEITÃO *et al.*, 1987).

Em termos de dimensões, os trapézios apresentam comprimentos médios de $2,72 \pm 0,75$ cm e larguras médias de $1,24 \pm 0,19$ cm. Os comprimentos máximo e mínimo registados são de 4,3 cm e 0,6 cm, respectivamente; por seu lado, as larguras máxima e mínima são de 1,8 cm e 0,9 cm, respectivamente. Se se confrontarem estes valores com os obtidos para os geométricos do Neolítico Antigo regional (CARVALHO, 1998), verificar-se-á que as peças do Lugar do Canto se apresentam, por regra, com maiores dimensões que as suas antecessoras (mesmo considerando o facto de estas serem constituídas quase exclusivamente por segmentos), facto que resulta, como é óbvio, do próprio robustecimento dos módulos laminares de onde eram obtidas, que ocorre na passagem da fase antiga para a fase média do Neolítico. Dito de outro modo, o valor obtido para a média das larguras dos trapézios está, portanto, em perfeita concordância com o valor homólogo dos respectivos suportes laminares, apresentados acima.

Do mesmo modo, também o recurso a tratamento térmico é visível numa percentagem de 42,4% dos trapézios (14 exemplares), valor que não difere em demasia do contabilizado para o caso dos suportes laminares, tratados acima.

2.1.4. *Microburis*

Integrados neste conjunto de pedra lascada encontram-se ainda dois microburis, ambos distais e produzidos em sílex (Fig. 5, n.º 6 e 7), um dos quais com marcas de utilização. Trata-se das peças catalogadas por Manuel Leitão e colaboradores (1987, p. 46) como “buris”, uma das quais foi aliás explicitamente descrita por estes autores como consistindo na “técnica de microburil de Muge”, dados os óbvios paralelos que este material ostenta com as peças homólogas, abundantes nos concheiros mesolíticos desta região.

A respeito destas peças particulares, deve assinalar-se a sua raridade (ou mesmo, frequentemente, a sua total ausência) em sítios do Neolítico da Estremadura, tanto em contextos habitacionais como de carácter funerário. Mesmo no caso do Lugar do Canto, importa ter em conta que a relação numérica entre microburis e geométricos é profundamente desfavorável aos primeiros (2 contra 35), o que só pode significar que o recurso a esta técnica, embora conhecida, tinha um carácter vincadamente ocasional.

3. PEDRA POLIDA

A utensilagem de pedra polida é abundante, podendo repartir-se em dois tipos principais de artefactos: os machados e as enxós, encontrando-se um outro tipo de artefactos – as goivas – apenas representado por um exemplar, de características excepcionais.

3.1. *Machados*

Conservam-se doze machados, todos com o gume intacto e completos, com excepção de um, fracturado longitudinalmente (Fig. 12, n.º 1), por um plano de xistosidade.

Na sua totalidade, a classificação macroscópica, necessariamente pouco precisa, aponta genericamente para rochas anfibolíticas, desde as tonalidades esverdeadas de grão médio, notando-se claramente a orientação preferencial dos cristais de anfíbola, até às tonalidades acinzentadas de grão fino, cuja natureza petrográfica só um exame microscópico poderia efectivamente confirmar. Os exemplares cuja classificação no grupo das rochas anfibolíticas esverdeadas de grão médio, de xistosidade visível, é segura, são os representados nas Fig. 11, n.º 1, 2, 5 e Fig. 12, n.º 1.

Do ponto de vista tipológico, podem repartir-se por dois grupos:

- exemplares de secções transversais sub-quadrangulares a sub-rectangulares, volumosos e robustos, possuindo apenas bem polida a região do gume, por biselamento duplo a partir de ambas as faces; o seu comprimento é variável, estando apenas presente um exemplar longo (Fig. 12, n.º 3). A este grupo, pertencem onze dos doze machados estudados;
- exemplares de secção elipsoidal, picotados no talão, encontrando-se representado por apenas uma ocorrência (Fig. 12, n.º 2).

O conjunto estudado, do ponto de vista tipológico, não destoa do conhecido em outras necrópoles neolíticas e calcolíticas da região, sendo de destacar a ocorrência de, pelo menos, quatro exemplares de anfiboloxistos, de entre os doze reconhecidos, rochas que poderiam ser oriundas da região de Abrantes (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995), a mais próxima da área em causa, onde se conhecem afloramentos de rochas deste tipo.

3.2. *Enxós*

Conservam-se actualmente dezasseis enxós, número um pouco superior ao dos machados, que usualmente acompanham em contextos funerários neolíticos, frequentemente aos pares, cujo significado ritual foi já discutido em publicação anterior (CARDOSO & CUNHA, 1995).

Ao contrário dos machados, as enxós possuem o corpo espalmado, de secção achatada, apresentando-se integralmente polidas em toda a superfície. Os gumes, obtidos por biselamento a partir de uma das faces, mostram-se cuidadosamente afeiçoados e, tal como os dos machados, não possuem sinais de uso.

Do ponto de vista petrográfico, a observação macroscópica indica tratar-se, na larga maioria dos casos, de xistos siliciosos muito finos, de coloração negro-esverdeada, assinalando-se a sua semelhança macroscópica com os vulcanitos do grupo dos “xistos verdes”, cuja origem mais provável se situa na unidade estrutural designada por Zona Sul Portuguesa, que se desenvolve por todo o Baixo Alentejo, prolongando-se para o território espanhol. São excepção dois exemplares mais alongados, de anfiboloxisto de textura média e coloração acinzentada (Fig. 13, n.º 4, 5), cuja origem foi já acima discutida.

A preferência por rochas de texturas finas e coloração negro-esverdeadas, que, por alteração, conferem à superfície tonalidades esbranquiçadas (caso do exemplar da Fig. 14, n.º 1), é recorrentemente observada no fabrico de enxós na região estremenha, tanto as recolhidas em necrópoles, como as oriundas de povoados. Este facto retira a tais exemplares quaisquer conotações simbólicas; tratavam-se, até pela sua quantidade, de peças de carácter

funcional, acumulando funções rituais, no caso de depósitos funerários, onde em geral se apresentam intactas, como no caso em apreço.

Nalguns exemplares (Fig. 13, n.º 2, 6; Fig. 14, n.º 2; Fig. 15, n.º 4), observam-se ainda, os negativos, extensos e sub-horizontais, relacionados com o desbaste a partir dos lingotes originais.

3.3. *Goivas*

Recolheu-se uma peça de assinaláveis dimensões, com 160 mm de comprimento, afeiçoada numa rocha anegrada, de grão muito fino, provavelmente um vulcanito básico (Fig. 16, n.º 1). Como aspecto digno de registo, possui também, na extremidade menor, um pequeno escavamento, em meia cana, correspondendo assim a uma dupla goiva, o que a torna idêntica a exemplar do dólmen de Pedra d'Anta n.º 2, até nas dimensões (VIANA *et al.*, 1959, n.º 24).

Este exemplar integra-se, pois, no grupo das goivas de grandes dimensões, por vezes ocorrendo em associação com exemplares menores, numa mesma necrópole: é o caso da Lapa do Bugio, Sesimbra, onde se recolheu goiva de dimensões análogas (ISIDORO, 1968, Est. II, i), a qual parece possuir, tal como a do Lugar do Canto, uma concavidade maior e outra, de menores dimensões, no lado oposto, como sugere a reprodução fotográfica publicada, a par de dois outros exemplares, de menor tamanho (CARDOSO, 1992, Est. 35, n.º 6 e MONTEIRO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, Est. VI, n.º 47).

No povoado pré-histórico de Leceia, entre os cerca de trezentos exemplares de pedra polida ali recolhidos nas escavações, apenas uma peça foi classificada como goiva, por critérios mais funcionais que morfológicos, pois não possui a característica goteira em meia cana (CARDOSO, 1999/2000). No sítio homólogo de Vila Nova de São Pedro, A. do Paço, que recolheu mais de mil artefactos de pedra polida (SPINDLER & TRINDADE, 1970), declara que a frequência das goivas era cerca de cem vezes menor (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. VII, n.º 21-23). As três reproduzidas no referido trabalho, são todas de pequenas dimensões, tal como as duas pertencentes à colecção reunida por Álvaro de Brée, de Leceia (CARDOSO, 1981, Est. I, n.º 8, 9).

Apesar da sua manifesta raridade na Estremadura e, em geral, em todo o território português, a descoberta de alguns exemplares, de pequeno tamanho – que É. Cartailhac considera uma forma especial ao território português – remonta aos primórdios da Arqueologia pré-histórica em Portugal: o referido autor, na sua obra mais conhecida entre nós, dedicada à Pré-História da Península Ibérica, representa três exemplares, assim distribuídos: um, proveniente das grutas do Poço Velho, Cascais; outro, da gruta da Casa da Moura, necrópole onde assinala a presença de dois exemplares; e, finalmente, um terceiro, das grutas de Palmela (CARTAILHAC, 1886, Fig. 93, 94, 175, 176; p. 96). Algumas delas foram ulteriormente publicadas por diversos autores. De notar que as grutas de Palmela forneceram na verdade três exemplares, dois recolhidos na Gruta II e outro sem indicação de gruta, cujas dimensões variam entre cerca de 70 e 90 mm, portanto muito menores que o exemplar em estudo (LEISNER, 1965, Tf. 98, n.º 8, 9; Tf. 110, n.º 10). Nesta necrópole, com ocupação do Neolítico Final ao final do Calcolítico, as três goivas recolhidas são acompanhadas por oitenta outros artefactos de pedra polida (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. B), o que corresponde a uma proporção de goivas muito superior à verificada nos sítios habitacionais. Tal facto pode sugerir um cunho ritual mais marcado destes artefactos, face aos restantes. Aos referidos, podem somar-se mais alguns exemplares, como o recolhido em Chocalheira, Cadaval (GONÇALVES, 1990/1992, Fig. 19, n.º 5), de dimensões idênticas aos anteriores (78 mm), que não ultrapassam os 90 mm, tal como os de Leceia e de Vila Nova de S. Pedro. Tal facto sublinha a raridade da ocorrência de exemplares de grandes dimensões, como o da Gruta do Lugar do Canto. É por isso que assume particular interesse a existência de um exemplar comparável, proveniente de antigas escavações que Francisco Tavares Proença Júnior efectuou

na necrópole colectiva, de tipo indeterminado, do Neolítico Final (SOUSA, 2004), de Pragais (ou Pragaes), Alcaria, concelho de Porto de Mós. A goiva em questão, com comprimento idêntico ao do exemplar em estudo e de secção circular, foi publicada pela primeira vez por F. de Almeida e O. da Veiga Ferreira (1970), e a sua associação a grandes lâminas retocadas, alabardas, punhais e a uma placa de xisto, não deixa dúvida quanto à referida integração cronológico-cultural.

Sendo, pois, quase desconhecidas em estações do litoral ocidental peninsular, as goivas de grandes dimensões ocorrem, sobretudo, em contextos megalíticos alentejanos, de onde foram consideradas características (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 51, 52): é o caso, entre outros, do grande exemplar, de comprimento igual ao da Gruta do Lugar do Canto, recolhido no dólmen de Pedra d'Anta 2 (Ourique), publicado por Abel Viana e colaboradores (1959). Os exemplares maiores, referidos por G. e V. Leisner, da região de Reguengos de Monsaraz não ultrapassam, porém, 155 mm, sendo assim menores que o recolhido na gruta do Lugar do Canto. Tal como normalmente acontece, este último encontra-se muito bem polido em toda a superfície, e, tal como os outros objectos de pedra polida que o acompanhavam, não mostra indícios de utilização, o que não significa que não fosse exemplar destinado ao uso quotidiano. A este propósito, convém lembrar as judiciosas mas discutíveis considerações de G. e V. Leisner, atribuindo aos exemplares neolíticos da antas alentejanas, de maiores dimensões, permitindo empunhadura directa, tal como o exemplar em apreço, um cunho prático mais acentuado que o das pequenas peças calcolíticas.

3.4. Artefactos de pedra afeiçãoada

Um seixo de quartzito rolado, com formato paralelepípedo, possui indícios de polimento da superfície, provocado por movimento de vai vêm, possivelmente relacionado com a maceração ou o alisamento de curtumes, do mesmo modo que os topos exibem indícios de terem servido como percutores dormentes (bigornas), talvez relacionados com operações de lascagem (Fig. 16, n.º 2). Conhecem-se escassos artefactos idênticos, também sobre seixos quartzíticos, evidenciando superfícies polidas por intenso mas suave desgaste, como é o caso de um exemplar da Gruta das Fontainhas (Cadaval), conservado no Museu Geológico do LNEG, bem como outros, de origem mais longínqua, entre os quais o recolhido na Anta 2 do Couto da Espanhola, Rosmaninhal, Idanha-a-Nova (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1997, Fig. 5, n.º 2).

4. UTENSILAGEM ÓSSEA

A utensilagem óssea encontra-se representada por nove furadores, correspondendo ao seccionamento de ossos longos e ao seu ulterior afeiçãoamento. Esta característica diferencia claramente o conjunto dos exemplares do Neolítico Final da mesma região, por estes terem sido obtidos, salvo raras exceções, através do seccionamento oblíquo, ao nível da diáfise, do mesmo tipo de ossos longos: é o caso, entre outros que se poderiam referir, do conjunto do Neolítico Final recolhido em Leceia, com evidente continuidade tipológica no Calcolítico (CARDOSO, 2003). Porém, na necrópole da Gruta do Escoural, de características idênticas, embora mais moderna, observa-se a coexistência de furadores de ambos os tipos (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995), ainda que os seccionados longitudinalmente apresentem uma diferença tecnológica assinalável, que é a de terem sido obtidos por desbaste da superfície anterior ou posterior dos respectivos ossos longos, e não a partir da sua separação em duas metades aproximadamente iguais. Com efeito, tal separação foi facilitada pela existência de uma goteira na face anterior dos metápodos de *Cervus* sp. ou de *Ovis/Capra*, em que são invariavelmente afeiçãoadas tais peças, sempre que

o correspondente segmento anatómico é identificável, tanto na Gruta do Escoural como na do Lugar do Canto. Deste modo, esta diferença tecnológica assume-se também como de carácter cultural.

No caso dos nove exemplares do Lugar do Canto, seis conservam na extremidade proximal uma das trócleas correspondentes à extremidade distal dos respectivos metápodos; face à robustez, ao tamanho e à espessura das esquirolas afeiçãoadas, é possível atribuir um dos exemplares a *Cervus* sp. (Fig. 17, n.º 7) e os restantes a *Ovis/Capra* (Fig. 17, n.º 1, 2, 4, 8 e 9). O mesmo critério pode ser aplicado aos exemplares sobre esquirolas que não conservam vestígios de qualquer elemento anatómico. Assim os furadores incompletos da Fig. 17, n.º 5 e n.º 6, ambos de assinalável robustez, são de atribuir, com as necessárias reservas, a esquirolas de ossos longos de *Cervus* sp. exibindo um deles, numa das faces, um sulco polido, correspondente à goteira original do metápodo de que foi obtido. O restante exemplar, também incompleto, é de atribuir a osso longos de *Ovis/Capra*, muito provavelmente um metápodo, como os seus homólogos que se encontram completos (Fig. 17, n.º 3).

5. ELEMENTOS DE ADORNO PESSOAL

Os elementos de adorno pessoal constantes do catálogo de inventário publicado por Manuel Leitão e colaboradores (1987) resumem-se a três tipos: conta discoidal em xisto, contas sobre concha de *Dentalium* sp. (= *Antalis* sp.) e braceletes em concha de *Glycymeris glycymeris*. A estas peças poderá talvez adicionar-se um dente de veado, aparentemente sem quaisquer sinais de uso, que poderá ter sido, por hipótese, um pendente atado, portanto sem recurso a perfuração da peça. O primeiro tipo, representado por um único exemplar, está sobejamente documentado em numerosos conjuntos funerários da Pré-História recente, sejam em gruta, como no caso vertente, sejam em contextos megalíticos, pelo que não evidencia qualquer significado para a inserção cronológica e cultural da ocupação neolítica do Lugar do Canto. Já os restantes tipos permitem considerações mais desenvolvidas.

As contas em *Dentalium* sp., que estão presentes nesta gruta num número de 79 peças, apresentam uma particular morfologia tubular, obtida através do seccionamento da concha deste molusco (Fig. 18). Embora este tipo de adorno seja relativamente raro em termos de número de sítios onde foi já registada a sua presença, a sua utilização parece todavia não corresponder a uma cronologia específica dentro do Neolítico. Com efeito, na região estremenha, contas tubulares de *Dentalium* sp. aparecem associadas aos contextos do Neolítico Antigo regional das grutas do Almonda (ZILHÃO *et al.*, 1991) e da Senhora da Luz (CARDOSO *et al.*, 1996), encontrando-se também registadas no sítio algarvio de ar livre do Padrão (Vila do Bispo), também datado deste período (GOMES, 2007; CARVALHO, 2008). No entanto, estas peças estão também documentadas em contextos neolíticos mais tardios, como no *locus* designado por Entrada Superior 2, também no sistema cársico do Almonda (ZILHÃO *et al.*, 1991), que corresponde ao paralelo geográfica e cronologicamente mais próximo do Lugar do Canto.

As braceletes em concha de *Glycymeris glycymeris* recuperados nas escavações no Lugar do Canto são em número de quatro (Fig. 19), dos quais apenas metade se encontra completa. Estas peças suscitaram desde logo particular atenção por parte dos autores da escavação, que inventariaram então seis sítios na Estremadura com este tipo de adorno pessoal, todos de carácter funerário, a saber: Lapa da Modeira, Alto da Feteira, Senhora da Luz, Lapa da Bugalheira, Gruta de Mosqueiros e Gruta dos Carrascos (LEITÃO *et al.*, 1987). O prosseguimento da investigação nas duas últimas décadas permitiu aumentar esta lista, que conta agora nesta região com três outros contextos de gruta, todos com uma única fase de ocupação, dois deles datados pelo radiocarbono. Trata-se da já mencionada Entrada Superior 2 do Almonda, do Algar do Barrão (CARVALHO *et al.*, 2003) e do Algar do Bom Santo (DUARTE, 1998). As datações mencionadas, que se referem aos dois últimos contextos, apontam genericamente para o terceiro quartel do IV milénio a.C. (ver adiante), isto é, a cronologia determinada para a necrópole de gruta alentejana do Escoural, onde também se recolheu uma bracelete fabricada a partir desta matéria-prima

(ARAÚJO & LEJEUNE, 1995). Contudo, há casos em que a ocorrência deste tipo de adornos se terá registado até mais tarde: é o que prova a descoberta de um exemplar fragmentado, na Camada 4 do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) (CARDOSO, 1994, Fig. 135, n.º 7), correspondente a parte do terceiro e a todo último quartel do IV milénio a.C. (CARDOSO & SOARES, 1996).

6. CONCLUSÕES: A GRUTA DO LUGAR DO CANTO E AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NELA REPRESENTADAS

Os dados obtidos através da intervenção arqueológica realizada em 1975 sob a orientação de O. da Veiga Ferreira revelaram-se desde logo fundamentais para o conhecimento do Neolítico da Estremadura portuguesa por quatro razões principais (LEITÃO *et al.*, 1987, p. 53): a gruta não havia sido violada por ocupações posteriores à sua última utilização em época pré-histórica; o seu espólio integra-se numa fase do Neolítico então ainda muito mal conhecida; não havia sido descoberta cerâmica (com excepção de dois fragmentos), aspecto que tornava esta ocupação um caso singular; e o abundante espólio osteológico configurava-se como uma autêntica colecção de referência para o Neolítico português.

Com efeito, o estudo preliminar da colecção osteológica humana publicado pelos autores permitiu retirar algumas conclusões importantes para o conhecimento das populações neolíticas, que se podem sintetizar da seguinte forma (CARDOSO, 2007, p. 241-242): a longevidade média situa-se entre os 20 e os 35 anos, existindo apenas um crânio masculino com idade superior a 50 anos e uma criança com menos de 10 anos; as patologias estão representadas por um número muito alto de traumatismos e infecções (visível, por exemplo, em 24 dos 42 crânios estudados), o que comprova um índice de conflituosidade elevado, sendo que nalguns casos esses traumas terão sido a causa de morte; nalguns ossos longos observam-se também fracturas e outros indícios que demonstram actividades físicas de esforço que se podem, em parte, correlacionar com a própria topografia acidentada do presumível território deste grupo humano, que incluiria assim as áreas mais interiores do maciço calcário; finalmente, é ainda digno de nota verificar marcas de trepanações em quatro crânios, nalguns casos com regeneração, o que indica a sobrevivência do indivíduo.

Desde a publicação do estudo de Manuel Leitão e colaboradores (1987) que novos dados bioantropológicos têm vindo a ser obtidos. Porém, é forçoso constatar que, exceptuando alguns casos particulares, a larga maioria dos estudos se têm infelizmente debruçado sobre materiais osteológicos obtidos em escavações antigas, as quais foram levadas a cabo muitas vezes sem o controlo estratigráfico hoje considerado necessário para uma correcta diferenciação das diversas ocupações registadas. Daí resulta a dificuldade de apartar com rigor os restos humanos pertencentes a momentos distintos da Pré-História e, conseqüentemente, a impossibilidade de atribuir uma cronologia aos diversos conjuntos sem recurso à sua datação directa por radiocarbono.

As limitações acima referidas fazem-se sentir também no que respeita à reconstituição dos rituais funerários empregues, apesar de, desde então, terem sido dados a conhecer vários contextos idênticos ao da Gruta do Lugar do Canto, os quais se encontram publicados com maior ou menor detalhe. A reconstituição dos rituais funerários neolíticos na Estremadura tem, portanto, vindo a ser conseguida para cada um desses contextos, faltando no entanto ensaios de síntese de âmbito mais geral que permitam enquadrar os dados do Lugar do Canto, tarefa que não cabe aqui fazer. É seguro apenas afirmar que esta gruta-necrópole se integra – ou melhor: constitui o arquétipo – de um pequeno conjunto de sítios de gruta do qual fazem parte, de norte para sul, a Gruta dos Ossos, em Tomar (OOSTERBEEK, 1993, 1997), o Algar do Barrão, em Alcanena (CARVALHO *et al.*, 2003), o Algar do Bom Santo, em Alenquer (DUARTE, 1998), e a Gruta do Escoural, em Montemor-o-Novo (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995). Estes sítios apresentam as seguintes principais características:

- Trata-se, em todos os casos, de necrópoles de gruta, com uma única ocupação, a qual, nalguns casos, se explica por ter sido a cavidade objecto de encerramento deliberado ainda em época neolítica, facto determinante para a inexistência de vestígios mais modernos. Esta possibilidade foi efectivamente observada no Bom Santo e é bastante plausível também no caso do Escoural e do Lugar do Canto, a julgar pelos relatos das respectivas descobertas.
- As deposições funerárias são, por norma, superficiais, tanto primárias como secundárias, neste último caso formando frequentemente ossários mais ou menos extensos e complexos. Trata-se portanto de necrópoles colectivas, à semelhança do que se presume terem sido as utilizações dadas aos monumentos megalíticos seus contemporâneos.
- Os objectos votivos conformam conjuntos muito homogêneos, compostos por micrólitos geométricos, lâminas e lamelas de sílex, instrumentos em osso (principalmente furadores), instrumentos de gume em pedra polida (enxós, machados), adornos pessoais diversos (principalmente braceletes em calcário ou concha de *Glycymeris* sp., e contas de vários tipos). Um traço importante corresponde, no entanto, às ausências: desconhecem-se pontas de seta e placas de xisto, e a cerâmica é rara ou está de todo ausente. Esta homogeneidade geral e a inexistência de diferenças significativas entre o espólio votivo dos indivíduos reflecte uma sociedade relativamente igualitária, provavelmente organizada essencialmente através de laços de parentesco, de que os ossários acima referidos poderão ser um testemunho indirecto.

Uma das questões mais exaustivamente tratadas pelos escavadores do Lugar do Canto foi a sua inserção cronológica e cultural, questão que ocupou quatro páginas do artigo a que se tem vindo a fazer referência (LEITÃO *et al.*, 1987, p. 55-58) e que foi abundantemente tratada também na obra de síntese sobre a Pré-História de Portugal, de O. da Veiga Ferreira e Manuel Leitão (1981). Este tratamento aprofundado da questão cronológica deveu-se em grande medida, tal como reconhecido pelos próprios autores, ao (aparente) desconhecimento da cerâmica evidenciado pelo grupo humano em causa. Este factor levou os autores do estudo a integrar a Gruta do Lugar do Canto no seu “Neolítico Ib”, datado de entre c. 4.000 e 3.400 a.C. Como os próprios referem (LEITÃO *et al.*, 1987, p. 55), tratar-se-á de um “[...] período em que o Mesolítico final costeiro (concheiros de Muge) está a terminar, mas sobrepõe-se ao Cardial decadente (cerca de 4000 a.C.) e ainda à primeira cerâmica do Neolítico Médio português, constituída pela cerâmica com ornamentação em falsa folha de acácia e pela cerâmica lisa sem carenas, com engobe vermelho (cerca de 3800 a.C., que é a data da Anta Grande do Poço da Gateira, ou cerca de 3600 a.C., data da Anta 2 dos Gorginos [...])”, exercício que lhes permite, em suma, concluir o seguinte: “Isto parece mostrar que havia presumivelmente 3 culturas distintas a coexistir em 3600-3800: um Mesolítico tardio, um Cardial evoluído [...] e uma cultura mais afastada da costa e seguindo uma vida mais intimamente ligada com a agricultura”.

Pondo de lado, porque não cabe aqui desenvolver, os aspectos mais teóricos do raciocínio dos autores – de que se releva, por exemplo, o emprego para estas realidades pré-históricas do termo “cultura” – não deixa de ser interessante verificar, duas décadas depois da redacção daquele texto, que a questão da contemporaneidade entre comunidades distintas nos seus modos de vida está hoje confirmada, se não entre o início do Megalitismo do interior e o final do Neolítico Antigo das regiões mais litorais, pelo menos entre o final deste período na Estremadura (o “Cardial evoluído” dos autores citados) e os últimos caçadores-recolectores dos concheiros de Muge, como o indicam as datações absolutas hoje disponíveis para estas realidades.

Já no que respeita concretamente às cronologias apontadas pelos autores – note-se, numa fase da investigação em que a obtenção de datações de radiocarbono ainda não apresentava as facilidades presentes – é que o quadro actualmente disponível se modificou substancialmente. Desde logo, no que respeita à Gruta do Lugar do Canto, foi possível determinar exactamente a sua cronologia através da datação de uma amostra de ossos humanos, que ofereceu o seguinte resultado (CARDOSO, 2002, 2006, 2007):

Código de Laboratório: Sac-1715

Datação: 5.120 ± 80 BP

Calibração³: 3.990-3.790 cal BC (1 *sigma*) e 4.250-3.700 cal BC (2 *sigma*)

Este resultado confirma plenamente as estimativas explicitamente apresentadas pelos autores da escavação, segundo os quais a cronologia deste sítio se situaria entre 4.100 e 3.300 a.C. (LEITÃO *et al.*, 1987), ou seja, a passagem do V para o IV milénios a.C.

Antes da obtenção desta data, os sítios acima citados como sendo os principais paralelos para a realidade documentada no Lugar do Canto vinham revelando consistentemente cronologias da segunda metade do IV milénio a.C., em concreto: 3.500-3.100 cal BC para as camadas 1-3 dos Ossos (2 datações), 3.650-3.100 cal BC para o Barrão (1 datação), 3.600-3.200 cal BC para o Bom Santo (5 datações) e 3.500-3.000 cal BC para o Escoural (5 datações). Ou seja, tratava-se de um conjunto de dados cronométricos tardios para conjuntos artefactuais considerados “arcaizantes”, pois tornavam aqueles sítios praticamente contemporâneos de outros que incluíam já artefactos tais como pontas de seta, cerâmica (nomeadamente carenada) e até placas de xisto. Exemplos destes contextos, na região estremenha, serão as grutas-necrópole da Lapa da Galinha, a Gruta da Marmota, a Cova das Lapas, a Lapa do Bugio ou a Lapa do Fumo. A existência destes dois conjuntos de sítios, evidenciando rituais funerários distintos (pelo menos ao nível do espólio votivo), levou a que se considerassem duas hipóteses explicativas alternativas (ZILHÃO & CARVALHO, 1996, p. 666): ambos os conjuntos de sítios testemunhariam a coexistência na Estremadura de diferentes sistemas de práticas funerárias no final do Neolítico; ou que “[...] a escassez dos dados, a imprecisão do radiocarbono, e a diacronia relativamente longa do uso do Escoural⁴, estejam a esconder a existência de uma subdivisão cronológica mais fina deste período”.

Assim, a cronologia obtida para o Lugar do Canto vem indicar que a segunda das hipóteses será a que melhor reflectirá a realidade passada. Isto é, que o espólio arqueológico aqui recuperado caracteriza artefactualmente as práticas funerárias do Neolítico da Estremadura, desde meados do V milénio a.C. até quase finais do milénio seguinte. Dito de outro modo, pode considerar-se hoje que a Gruta do Lugar do Canto tipifica, na região estremenha, o chamado Neolítico Médio, na sua dimensão funerária, e que parte substancial do raciocínio subjacente à inserção cronológico-cultural desta ocupação levado a cabo pelos autores do seu primeiro estudo pode hoje considerar-se confirmada.

AGRADECIMENTOS

Os Autores agradecem ao Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia, e ao Dr. Miguel M. Ramalho, responsável pelo Museu Geológico do INEG, a permissão para o estudo dos materiais da gruta do Lugar do Canto, conservados em ambas as referidas Instituições.

³ Calibração obtida de acordo com a curva IntCal 04 (REIMER *et al.*, 2005).

⁴ Recorde-se que a necrópole da Gruta do Escoural revelou também uma datação do V milénio a.C. (OxA-4444: 5.560 ± 160 BP), ainda que não tenha sido aceite devido a deficiências da amostra (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Estação pré-histórica de Pragaes-Alcaria (Porto de Mós). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 80 (2/4), p. 257-262.
- ARAÚJO, A.C.; LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, n.º especial).
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J.L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L.(2003) – A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 25-84.
- CARDOSO, J. L. (2006) – *Lisboa e Estremadura. A Pré-História recente e a Proto-História*. Tomar: CEIPHAR (Arkeos, 20).
- CARDOSO, J.L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1995) – *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1996) – Contribution d'une série de datations 14 C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura portugaise. *Révue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément 1996, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) – A Anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos pré-Históricos*. Viseu. 5, p. 9-28.
- CARDOSO, J.L.; FERREIRA, O.V.; CARREIRA, J.R. (1996) – O espólio das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Ages Préhistoriques de L'Espagne et du Portugal*. Paris : Ch. Reinwald.
- CARVALHO, A. F. (1998) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Colibri.
- CARVALHO, A. F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 11).
- CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N. & VALENTE, M. J. (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6: 1, p. 101-119.
- DUARTE, C. (1998) – Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 2, p. 107-118.
- FERREIRA, O.V.; LEITÃO, M. (1981) – *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. 2ª edição, Mem Martins: Europa-América.
- GOMES, M. V. (2007) – Nés à l'extrême sud-ouest de l'Europe: les menhirs de l'Algarve et l'avènement de l'idéologie mégalithique. Les expressions intellectuelles et spirituelles des peuples sans écriture. *Colloque CISENP de l'Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*. Paris, p. 147-157.

- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 41-201.
- ISIDORO, A. F. (1968) – Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20 (3/4), p. 347-355.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Tafeln*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (*Madriider Forschungen* Band 1/3).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. Nova Série, 8.
- LEITÃO, M.; NORTH, C.T.; NORTON, J.; FERREIRA, O.V.; ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 5, p. 37-66.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio. II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970). *Actas*. Coimbra, p. 107-120.
- OOSTERBEEK, L. (1993) – Gruta dos Ossos, Tomar. Um ossuário do Neolítico final. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. 18, p. 111-128.
- OOSTERBEEK, L. (1997) – *Echoes from the East: Late Prehistory of the North Ribatejo*. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (Arkeos; 2).
- REIMER, P.J., BAILLIE, M.G.L., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BERTRAND, C.J.H., BLACKWELL, P.G., BUCK, C.E., BURR, G.S., CUTLER, K.B., DAMON, P.E., EDWARDS, R.L., FAIRBANKS, R., FRIEDRICH, M., GUILDERSON, T.P., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KROMER, B., MCCORMAC, G., MANNING, S., RAMSEY, C.B., REIMER, R.W., REMMELE, S., SOUTHON, J.R., STUIVER, M., TALAMO, S., TAYLOR, F.W., van der PLICHT, J. & WEYHENMEYER, C.E. (2005) – IntCal04 terrestrial radiocarbon age calibration, 0-26 cal Kyr BP. *Radiocarbon*. 46:3, p. 1029-1058.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico Final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, p. 90-111.
- SPINDLER, K. & TRINDADE, L. (1970) – A Póvoa eneolítica do Penedo – Torres Vedras. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). *Actas*. Lisboa. 1, p. 59-191.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. Freire de; SERRALHEIRO, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. *Actas*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 197-213.
- ZBYSZEWSKI, G. (1978/1979) – Nota preliminar acerca da gruta neolítica do Lugar do Canto – Valverde (Alcanede). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 22, p. 7-15.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A.F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica, 2*. Gavà: Museo de Gavà, p. 659-672. (Rubricatum; 1).
- ZILHÃO, J.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (1991) – A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988-1989. *IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa, p. 161-181.

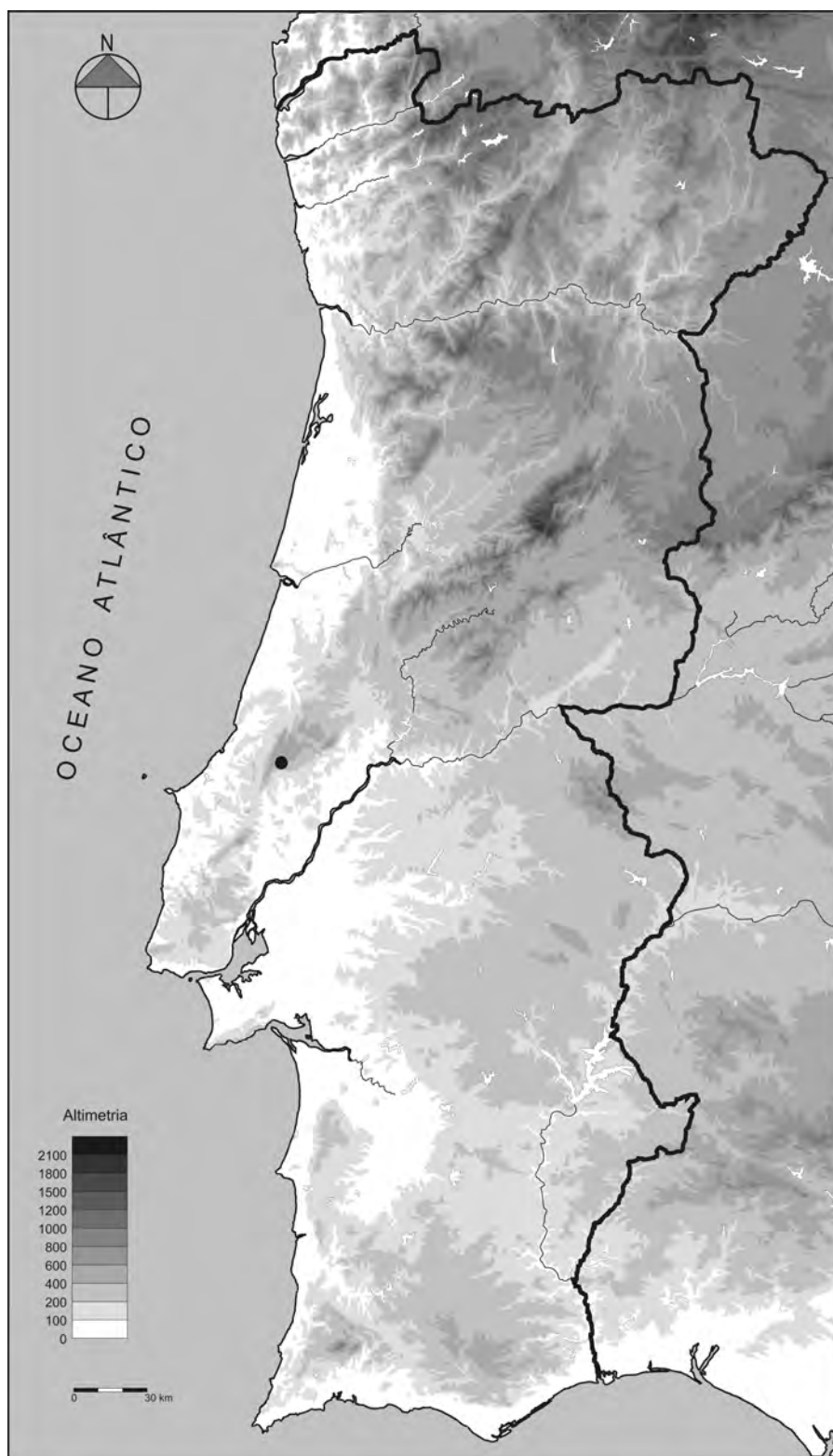


Fig. 1 – Localização da Gruta do Lugar do Canto no território português



Fig. 2 – Planta da superfície da gruta (sector B), evidenciando-se a distribuição dos restos ósseos e diverso espólio arqueológico (seg. LEITÃO *et al.*, 1997, Fig. 3).



Fig. 3 – Deposição humana H15, relacionada com as braceletes intactas de *Glycymeris glycymeris* da Fig. 19, n.º 1 e 2 (seg. ZBYSZEWSKI, 1978/1979, Fig. 1).

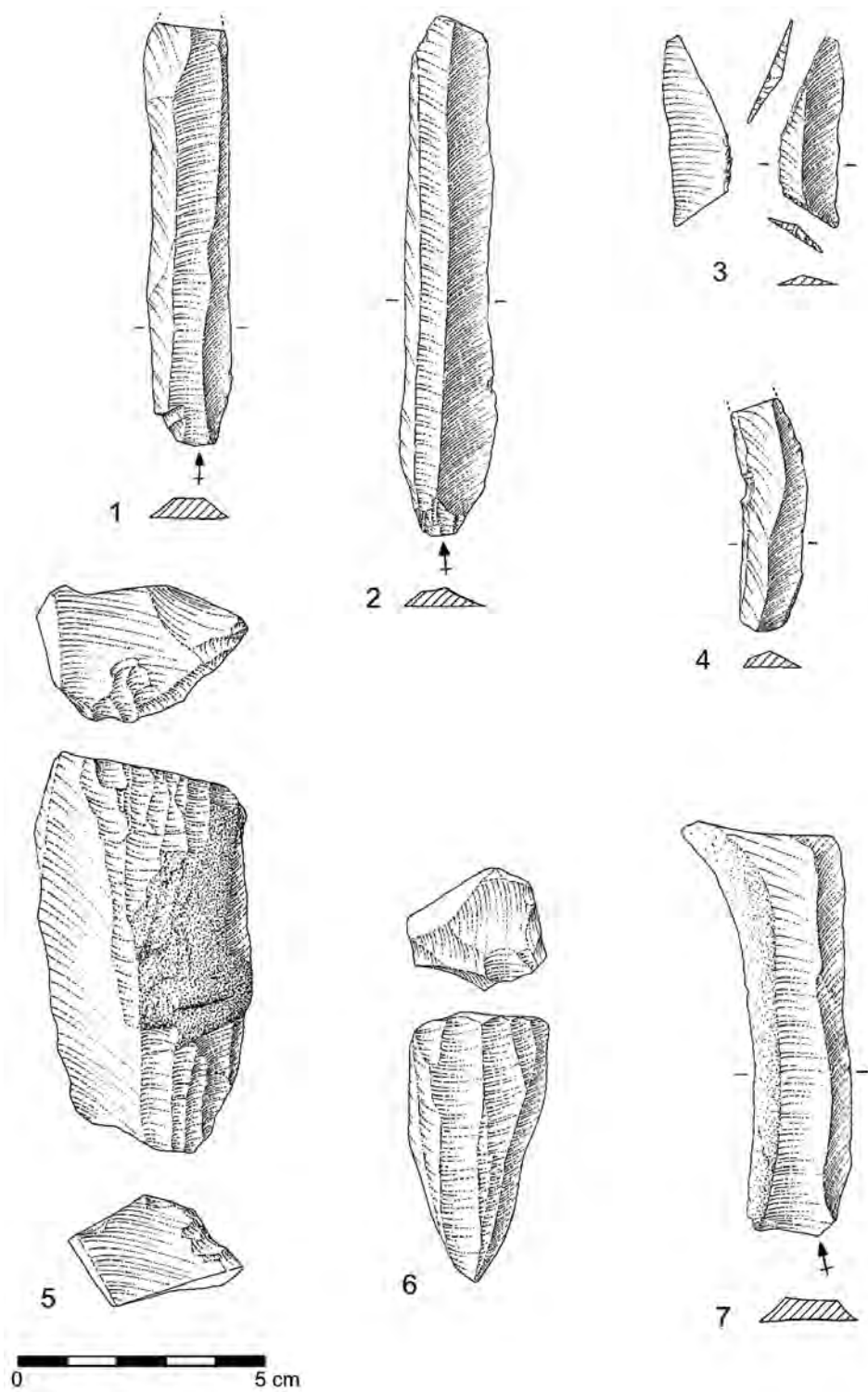


Fig. 4 – Pedra lascada. 1-2, 4 e 7: lâminas e lamelas; 3: trapézio; 5-6: núcleos prismáticos (materiais depositados no Museu do LNEG).
 1 – n.º 70, H19; 2 – n.º 39, H12/13; 3 – n.º 104, H 28/29; 4 – n.º 103, H 28/29; 5 – n.º 12, H3; 6 – n.º 4, H1; 7 n.º 71, H19.

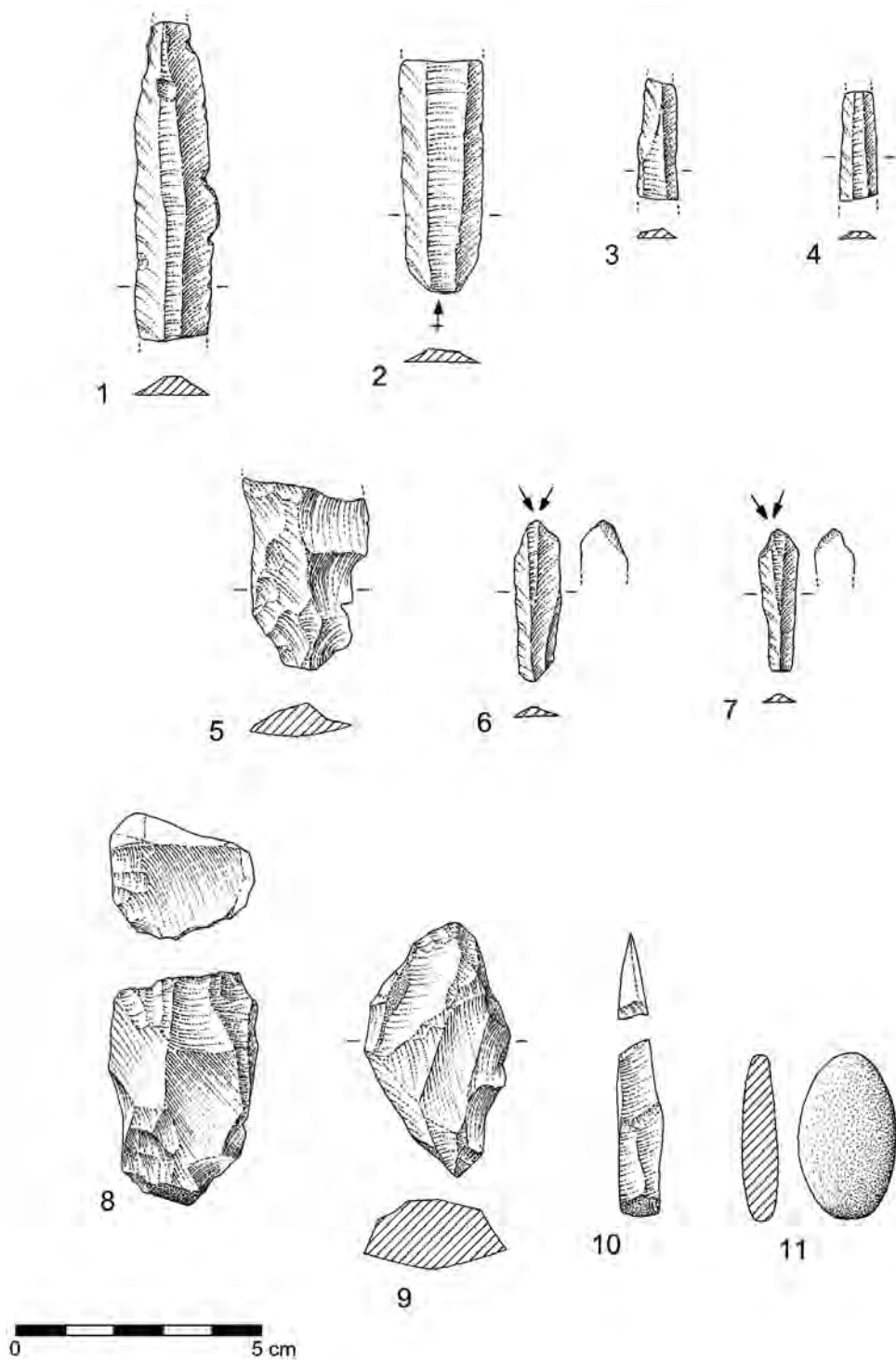


Fig. 5 – Pedra lascada. 1-4: lâminas e lamelas; 5: lasca; 6-7: microburis; 8: núcleo informe; 9: lasca com entalhes; 10: núcleo bipolar; 11: seixo rolado (“retocador?”) (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 – n.º 110, H. 27; 2 – n.º 28, H9; 3 – n.º 45, H12/13; 4 – n.º 44, H12/13; 5 – H10A; 6 – n.º 65, H15; – s/nº; 8 – n.º 87, H22/23; 9 – n.º 86, H22/23; 10 – n.º 29, H9; 11 – n.º 31, H9.

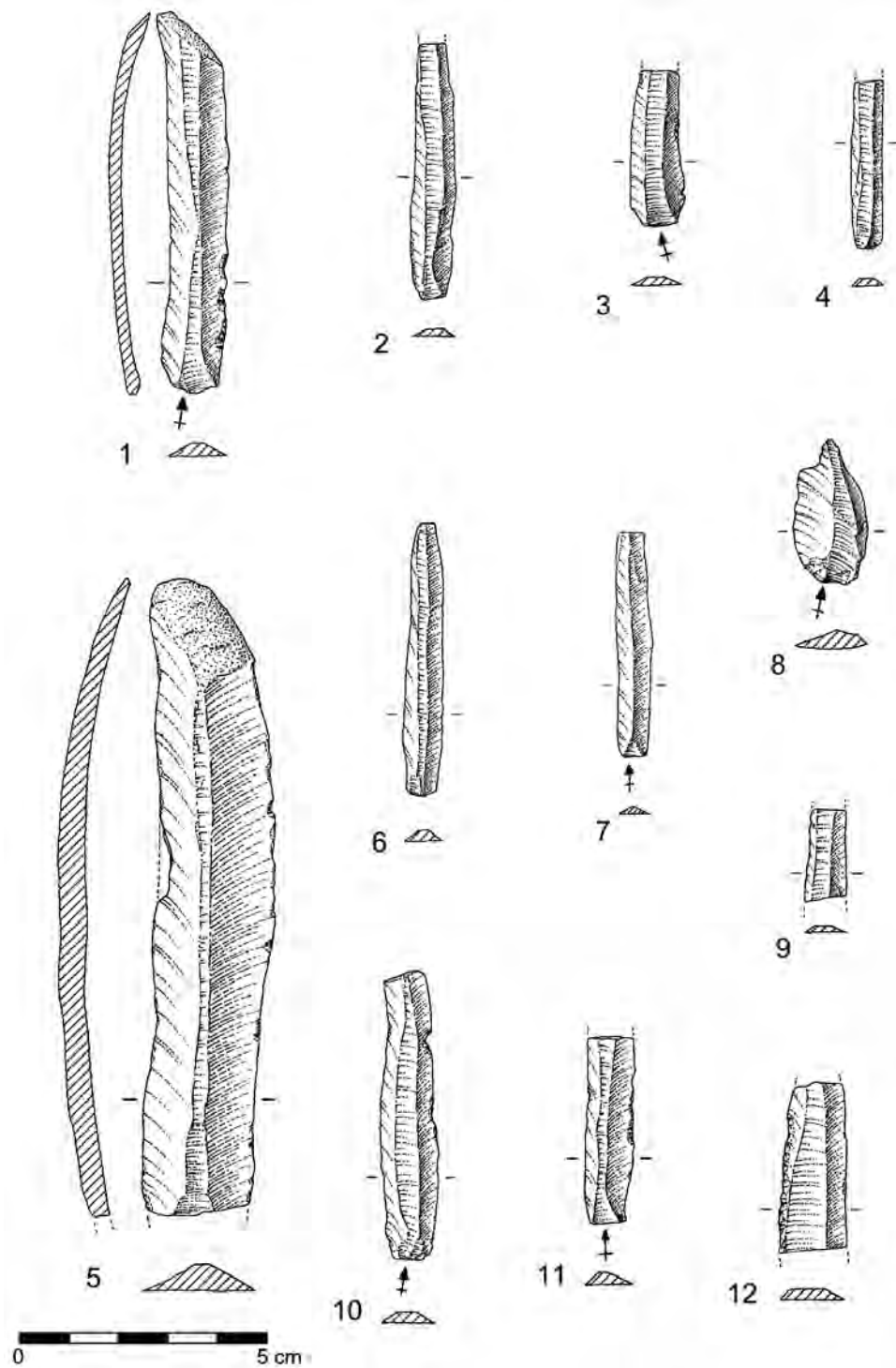


Fig. 6 - Pedra lascada. 1-7, 9-12: lâminas e lamelas; 8: lasca (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 - n.º 57, H14; 2 - n.º 30, H22/23; 3 - n.º 34, H10; 4 - n.º 58, H14; 5 - n.º 24, H9; 6 - n.º 89, H22/23; 7 - n.º 91, H22/23; 8 - n.º 36, H10; 9 - n.º 43, H12/13; 10 - n.º 105, H26; 11 - n.º 11, H3; 12 - n.º 76, H19.

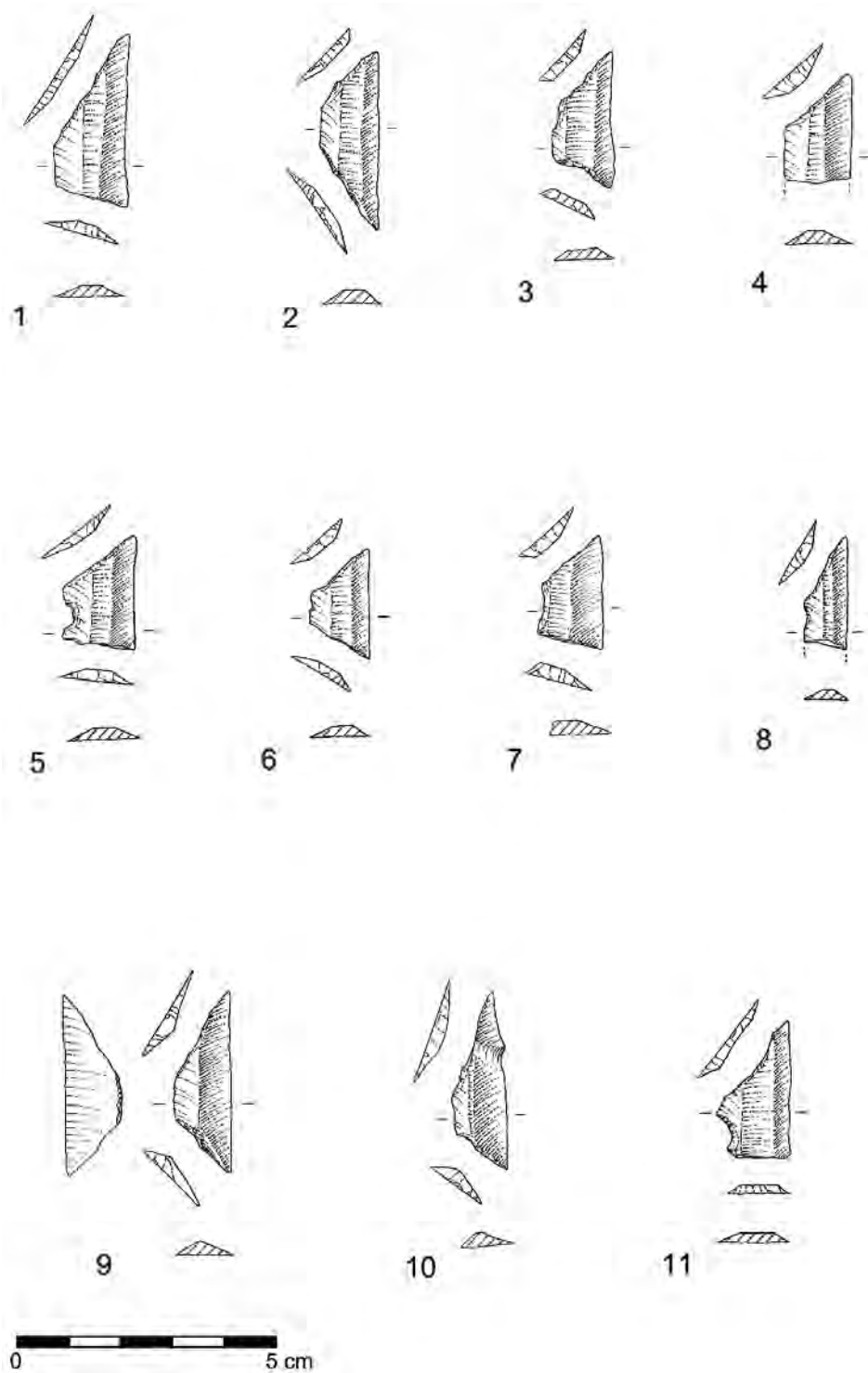


Fig. 7 - Pedra lascada. 1-11: micrólitos geométricos (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 - n.º 22, HA; 2 - n.º 74, H19; 3 - n.º 52, H14; 4 - n.º 30, H9; 5 - n.º 82, H20; 6 - n.º 33, H10; 7 - n.º 56, H14; 8 - n.º 61, H15; 9 - n.º 55, H14; 10 - n.º 53, H14; 11 - n.º 62, H15.

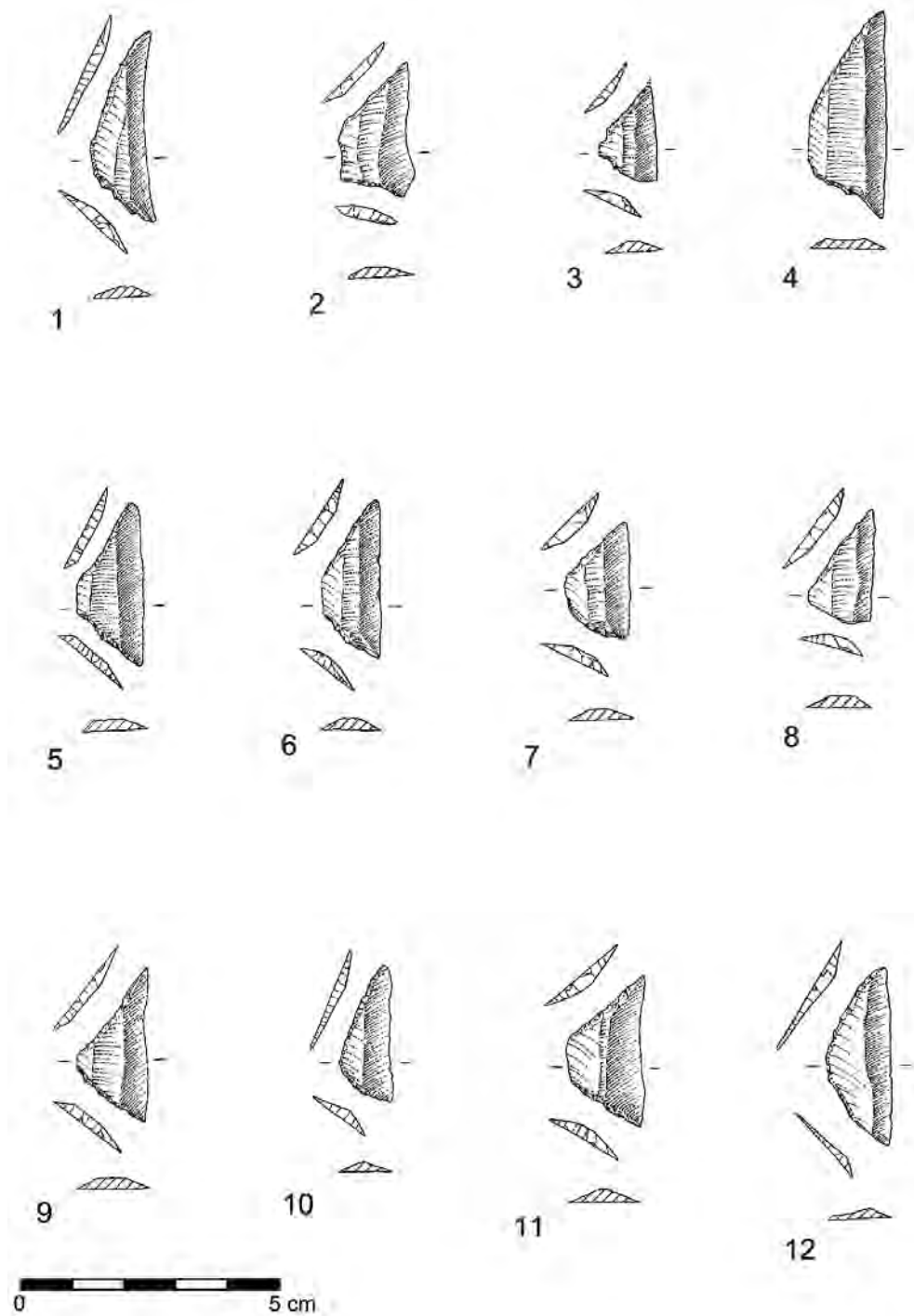


Fig. 8 – Pedra lascada. 1-12: micrólitos geométricos (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 – n.º 99, H 22/23; 2 – n.º 96, H22/23; 3 – s/nº, H10; 4 – n.º 116, H32; 5 – n.º 80, H20; 6 – n.º 75, H19; 7 – n.º 98, H22/23; 8 – n.º 97, H22/23; 9 – n.º 54, H14; 10, n.º 27, H9; 11 – n.º 51, H14; 12 – n.º 25, H9.

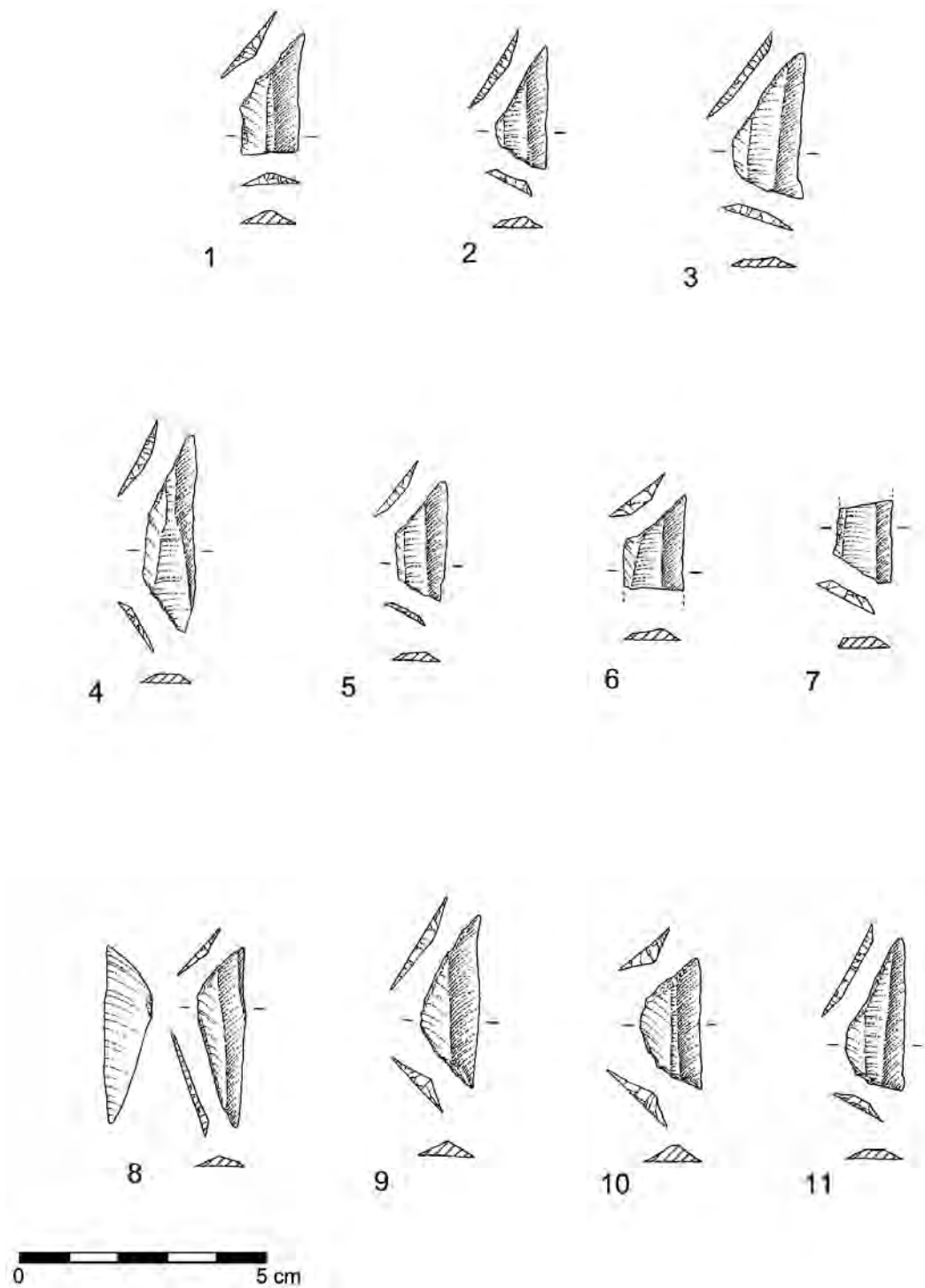


Fig. 9 – Pedra lascada. 1-11: micrólitos geométricos (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 – n.º 60, H15; 2 – s/n.º, H12/13; 3 – n.º 40, H12/13; 4 – n.º 14, H3; 5 – n.º 15, H3; 6 – n.º 81, H20; 7 – s/n.º, H12/13; 8 – s/n.º, H27; 9 – n.º 73, H19; 10 – n.º 17, H3; 11 – n.º 6, H2

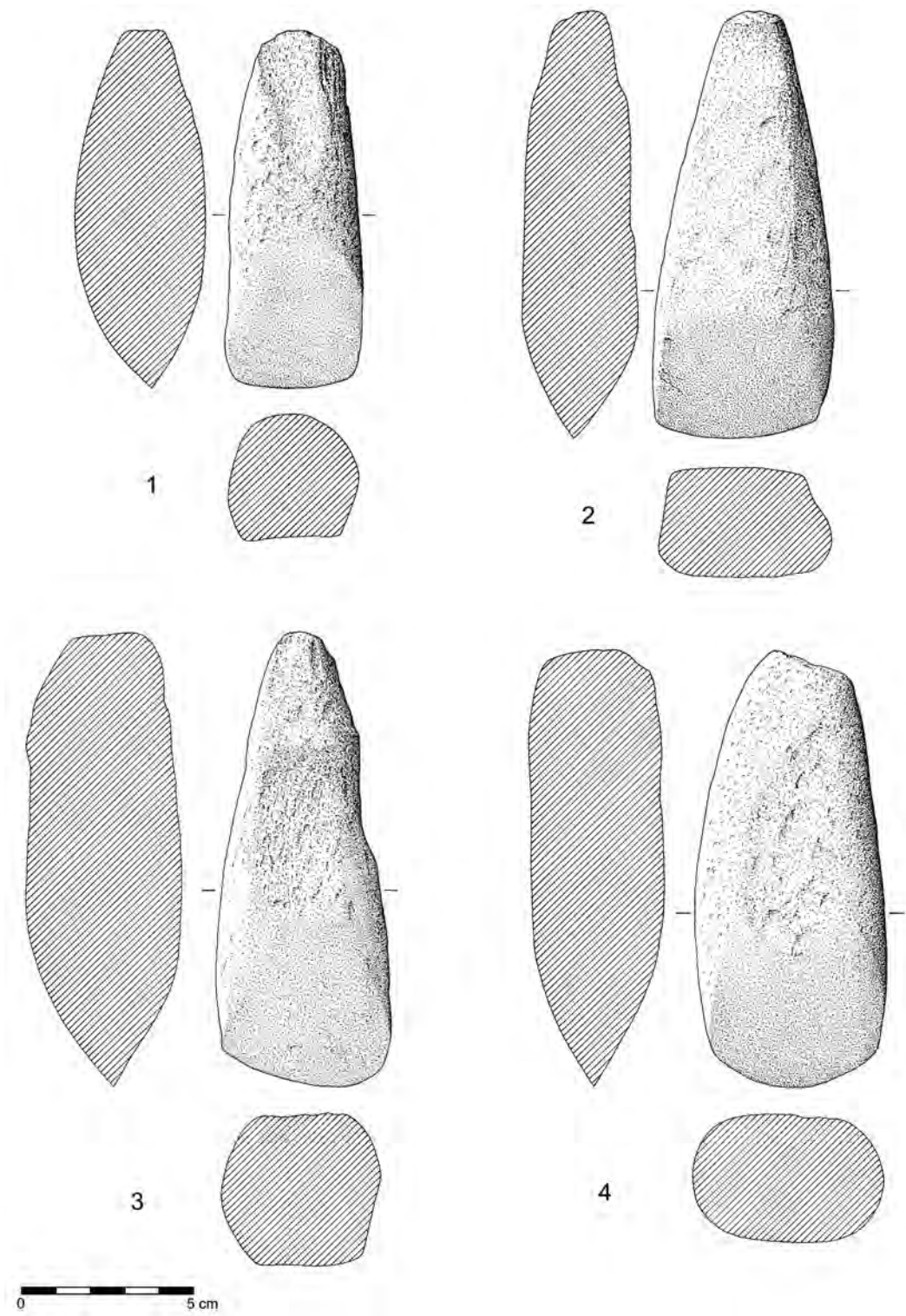


Fig. 10 – Pedra polida. 1-4: machados (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 – n.º 83, H22/23; 2 – n.º 3, H1A; 3 – n.º 115, H37; 4 – n.º 7, H3.

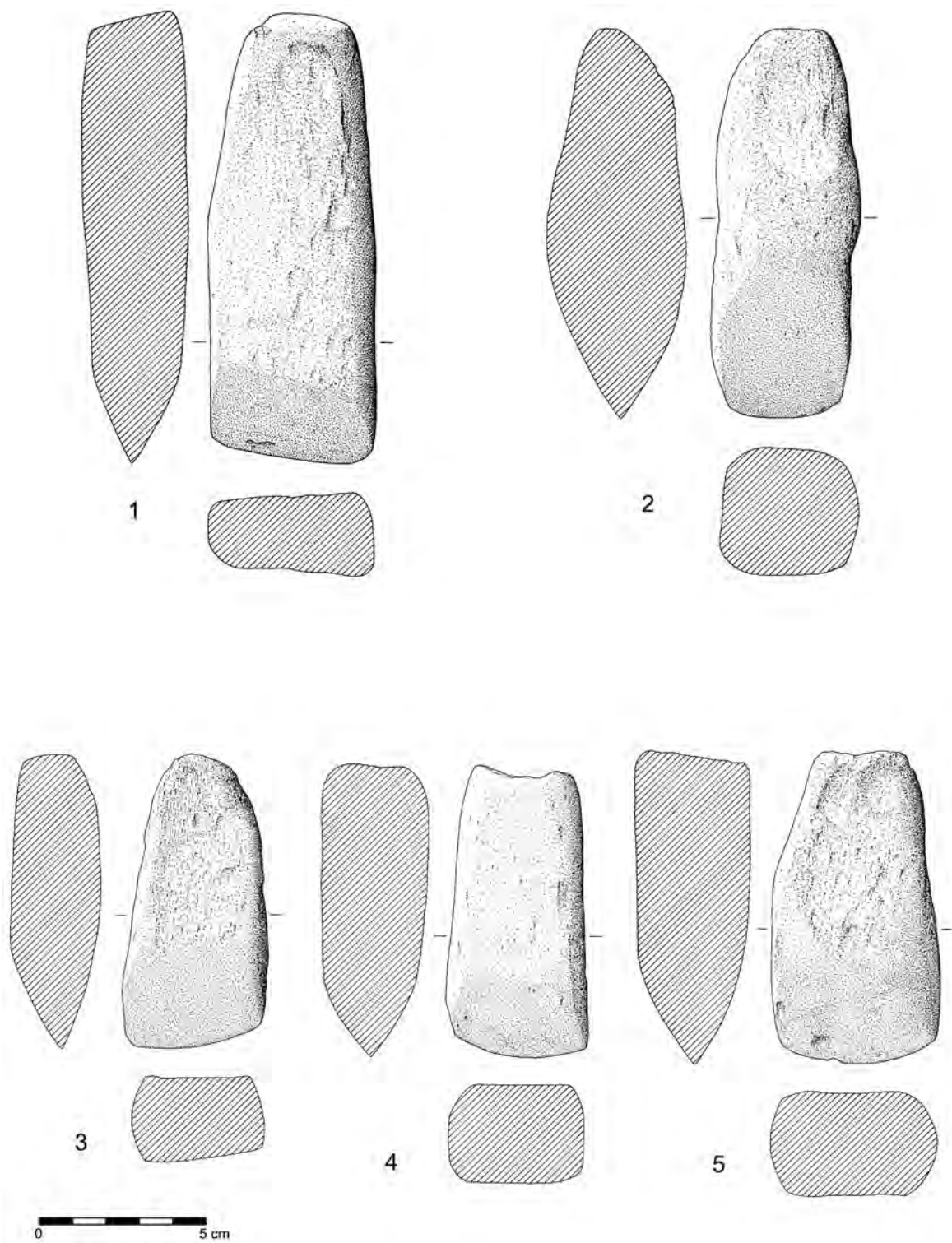


Fig. 11 – Pedra polida. 1-5: machados (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 – n.º 113, H30; 2 – n.º 72, H19; 3 – n.º 38, H12/13; 4 – n.º 10, H3; 5 – n.º 111, H27.

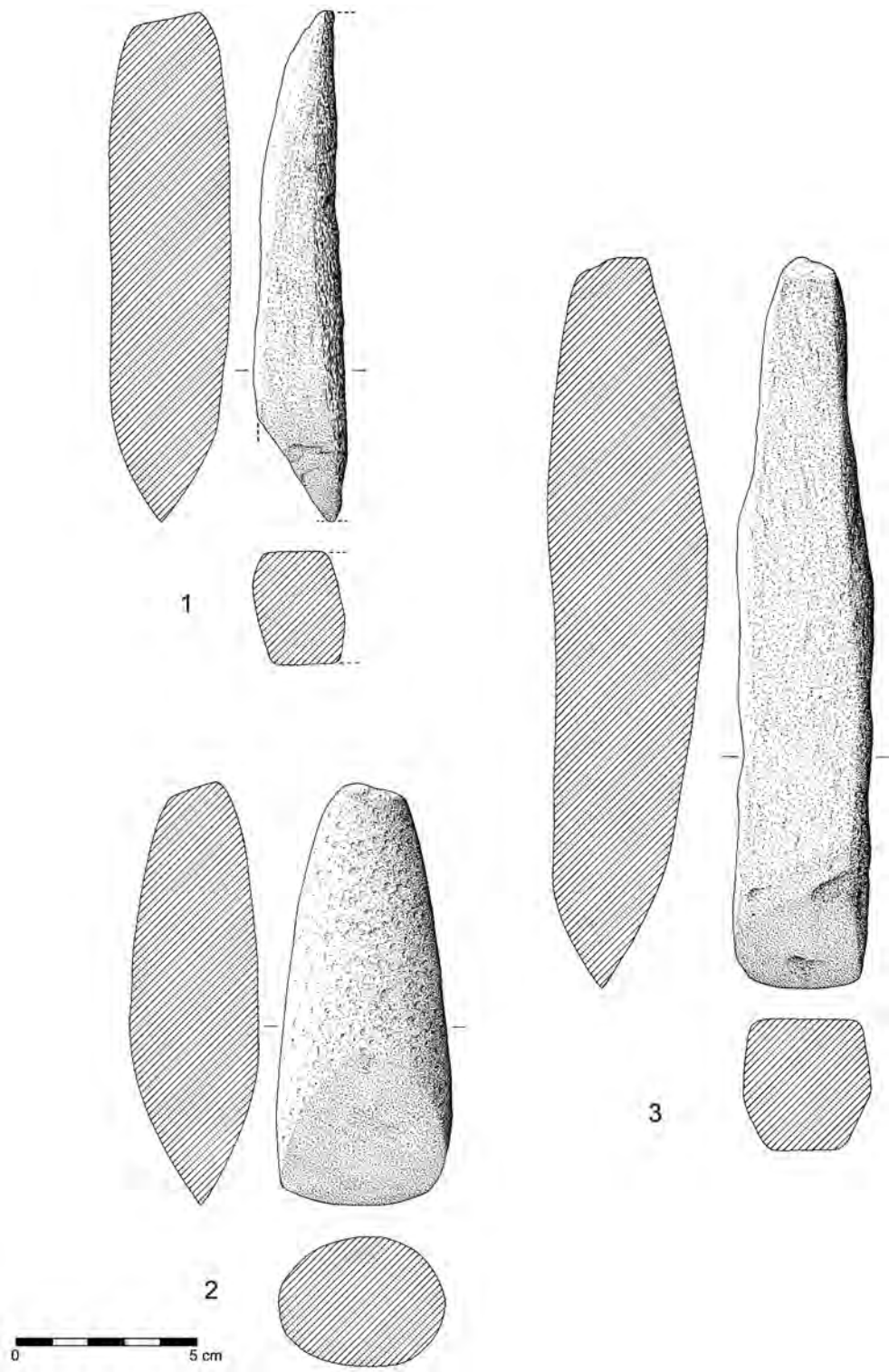


Fig. 12 – Pedra polida. 1-3: machados (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 – n.º 100, H30; 2 – n.º 48, H14; 3 – n.º 1, H1A.

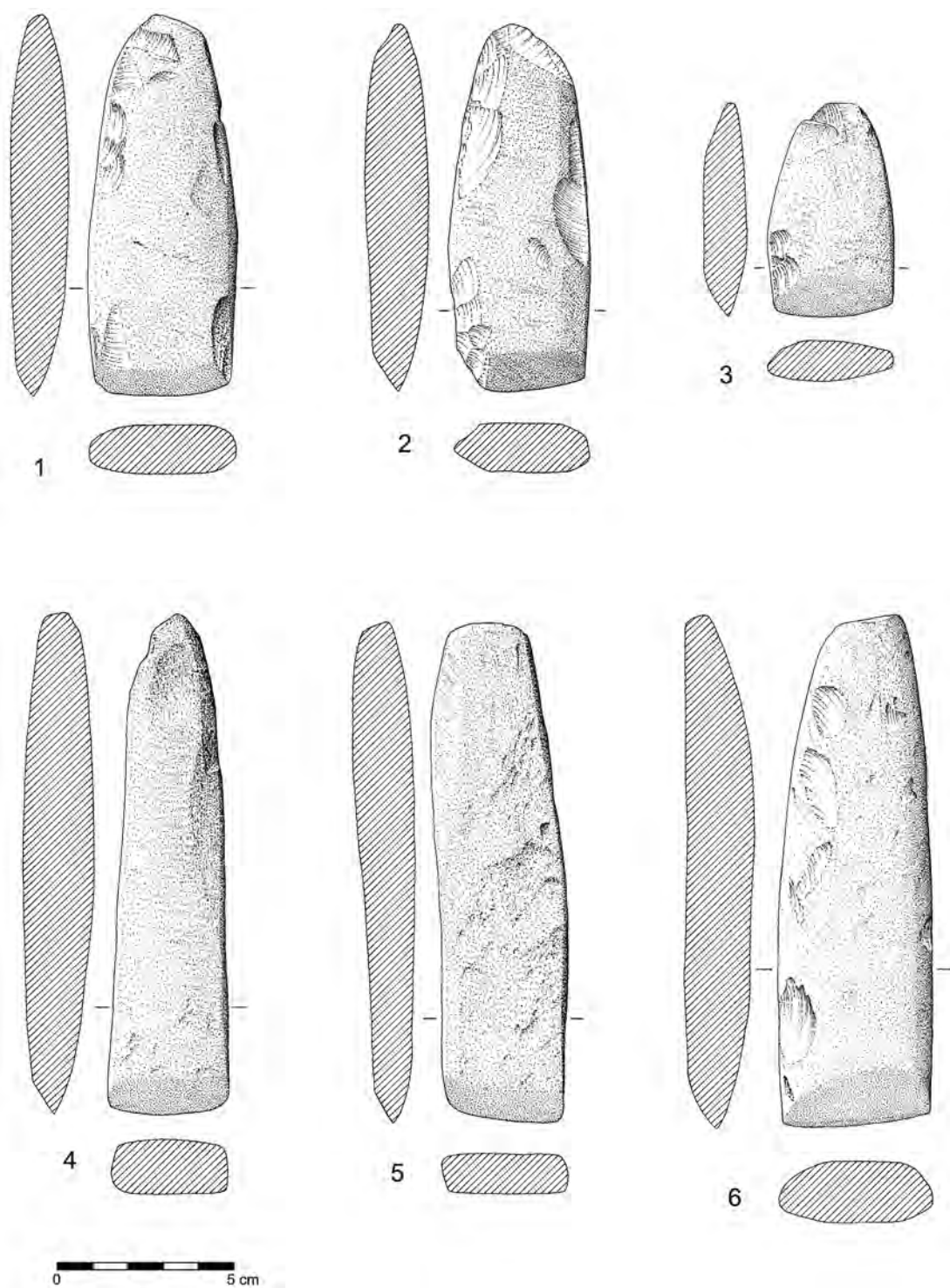


Fig. 13 - Pedra polida. 1-6: enxós (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 - n.º 102, H28/29; 2 - n.º 79, H20; 3 - n.º 49, H14; 4 - n.º 47, H14; 5 - n.º 5, H1; 6 - n.º 78, H19.

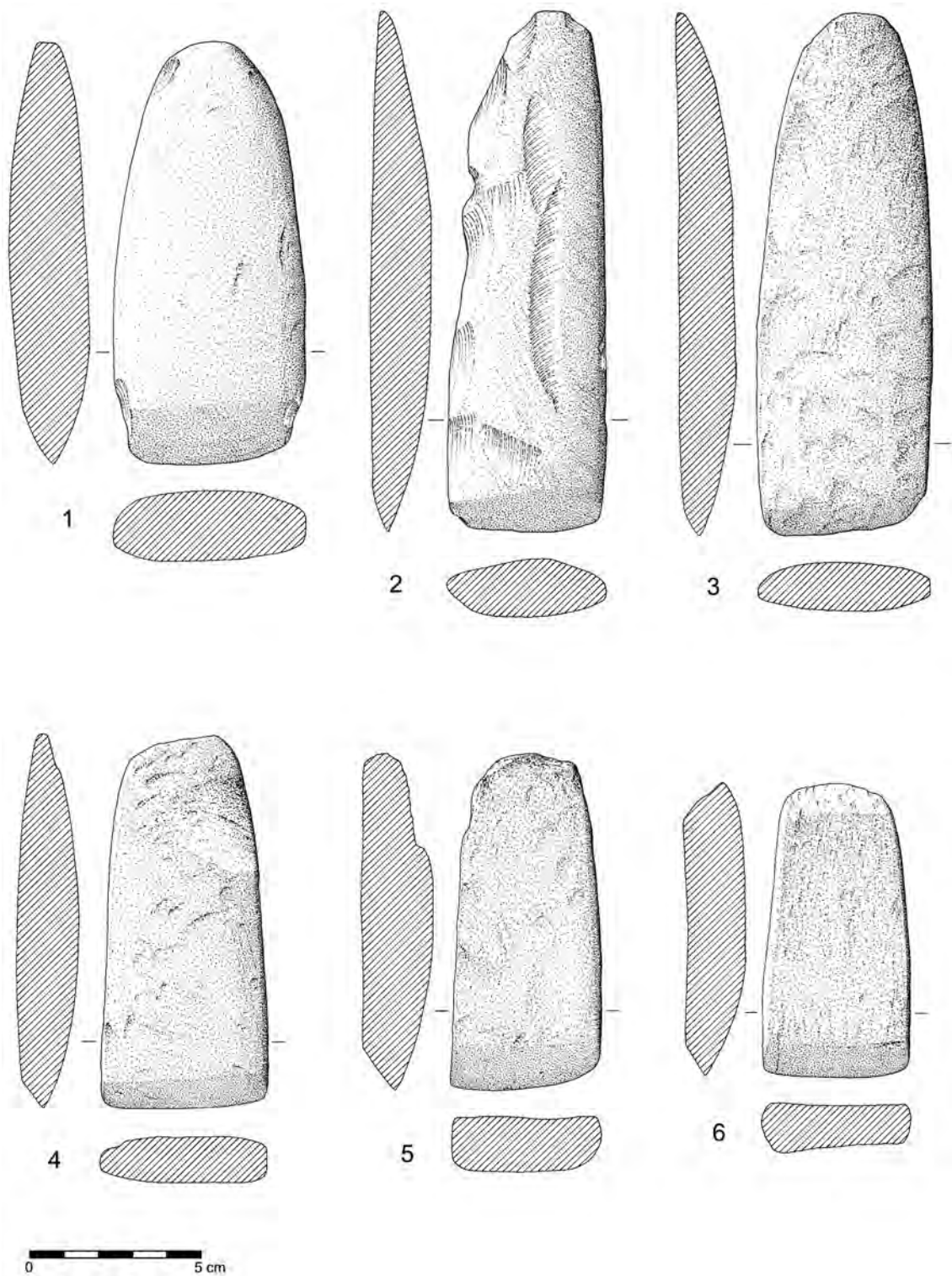


Fig. 14 - Pedra polida. 1-6: enxós (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 - n.º 101, H28/29; 2 - n.º 114, corredor; 3 - n.º 109, H25; 4 - n.º 77, H19; 5 - n.º 9, H3; 6 - n.º 2, H1A.

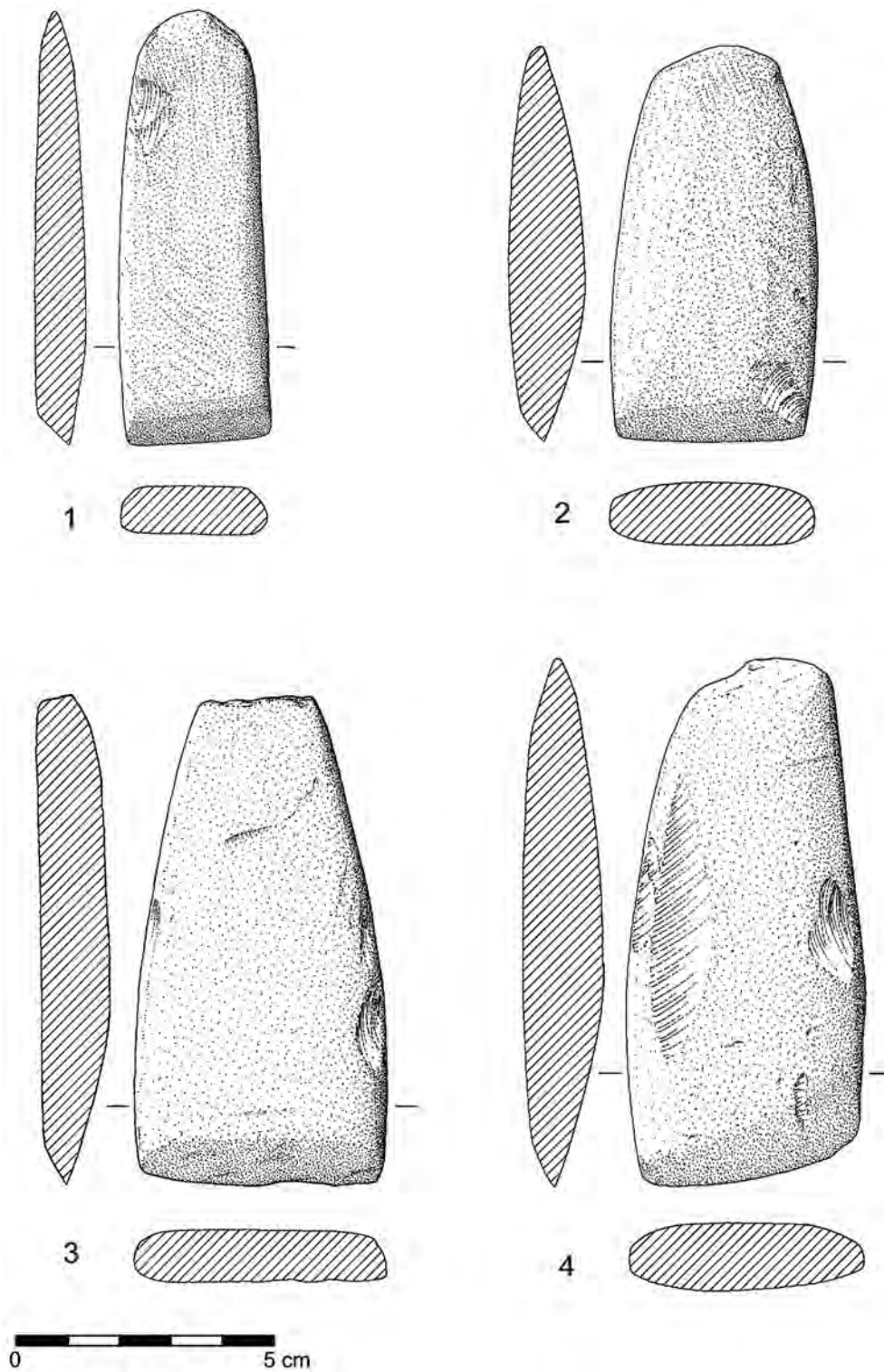


Fig. 15 - Pedra polida. 1-4: enxós (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 - n.º 50, H14; 2 - n.º 85, H22/23; 3 - n.º 84, H22/23; 4 - n.º 66, H16.

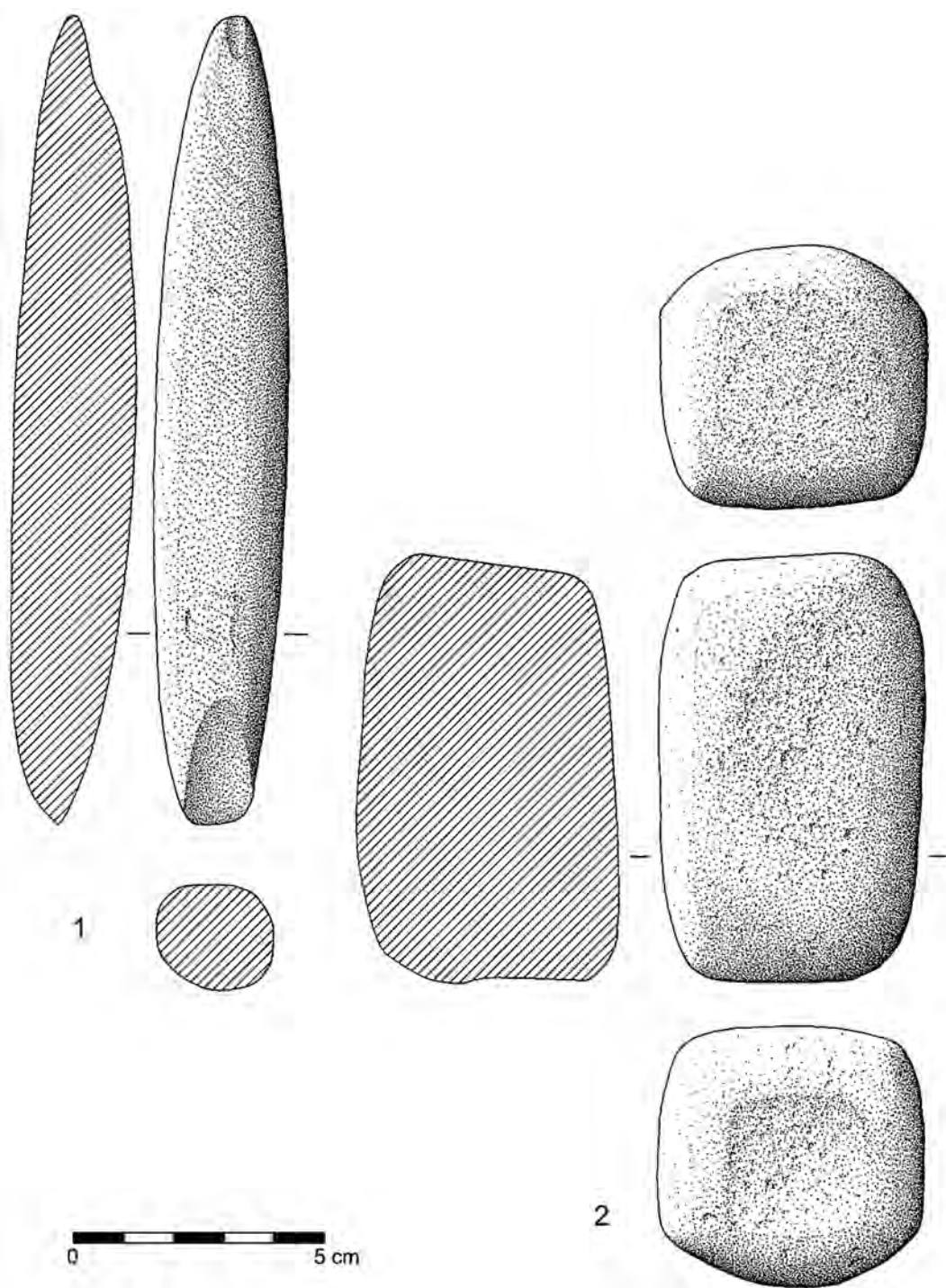


Fig. 16 - Pedra polida e pedra afeiçãoada. 1: goiva; 2: alisador/bigorna sobre seixo de quartzito (materiais depositados no Museu do LNEG). 1 - n.º 8, H3; 2 - n.º 112, s/ref..

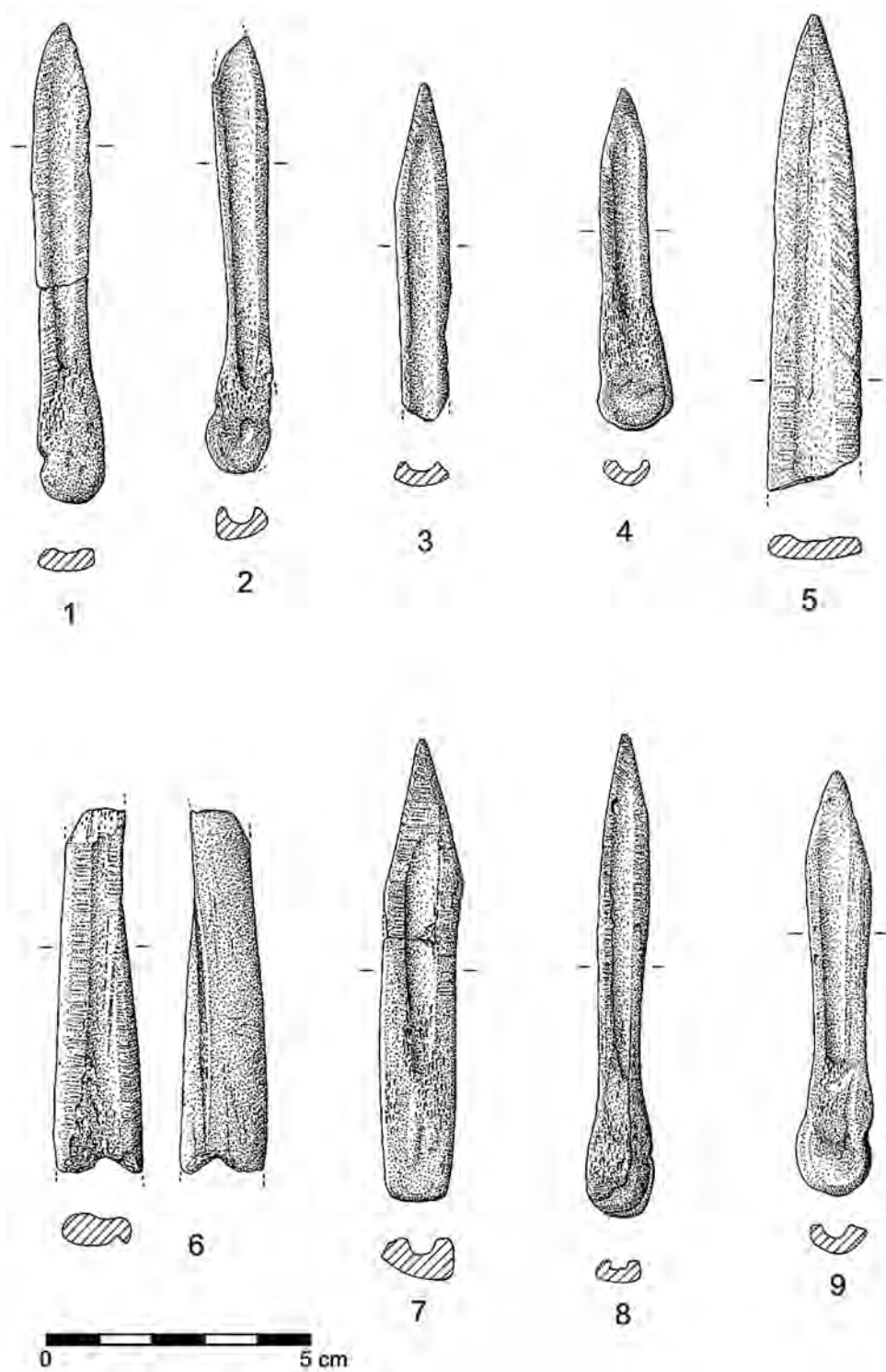


Fig. 17 – Indústria óssea. 1-9: furadores (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia, com exceção do n.º 4, depositado no Museu do LNEG). 1 – n.º 93, H25; 2 – n.º 94, s/ref^a.; 3 – n.º 21, HÁ; 4 – n.º 67, H16; 5 – n.º 69, H15; 6 – n.º 109, H25; 7 – n.º 106, s/ref^a.; 8 – n.º 108, s/ref^a.; 9 – n.º 68, H15.

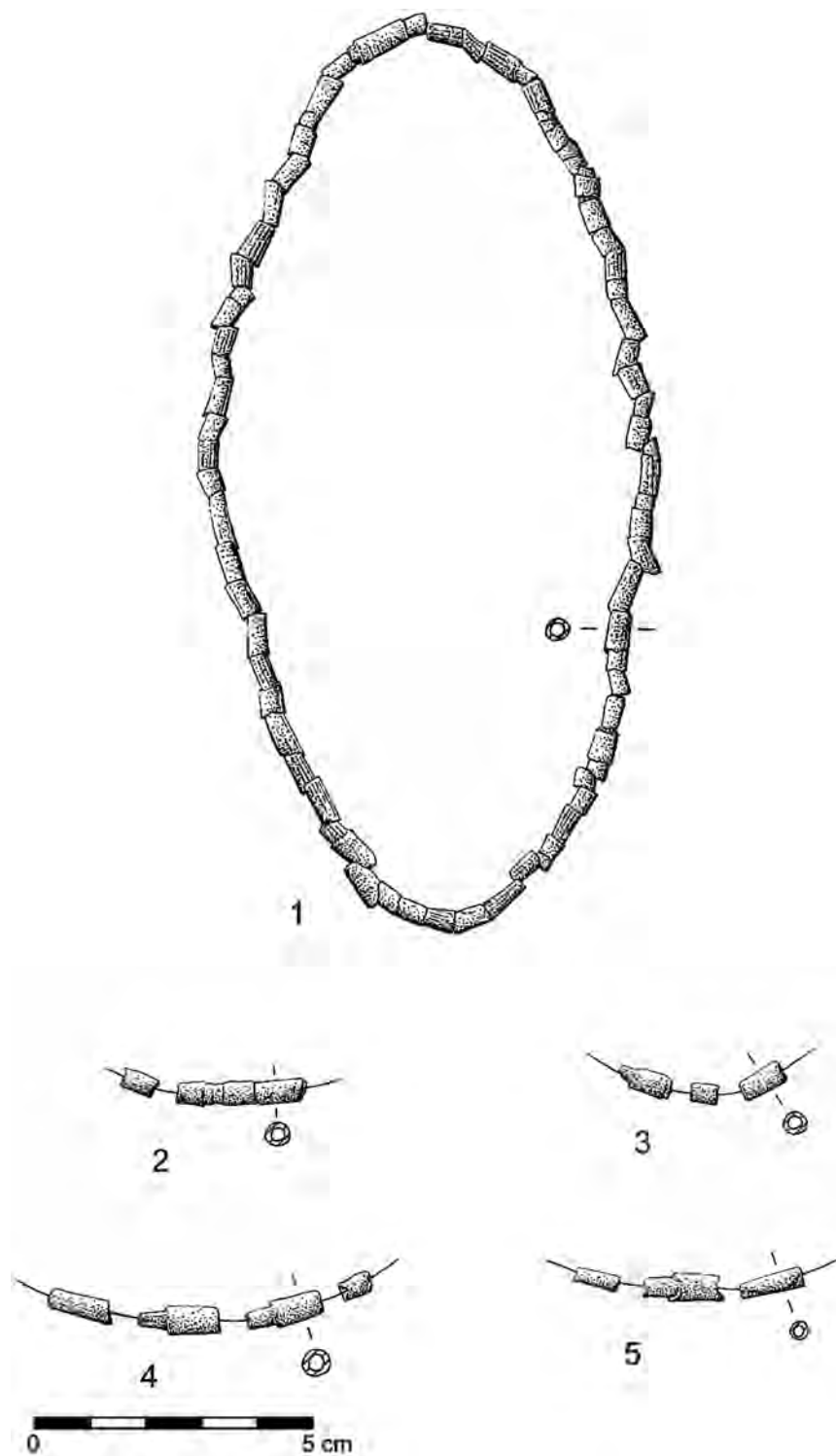


Fig. 18 - Elementos de adornos pessoais. 1: colar formado por contas tubulares de concha de *Dentalium* sp., reconstituído; 2-5: conjuntos de contas tubulares de concha de *Dentalium* sp. provenientes de deposições funerárias distintas (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 - s/n.º, H15; 2 - s/n.º, HA; 3 - s/n.º, H12/13; 4 - s/n.º, H10; 5 - s/n.º, H9.

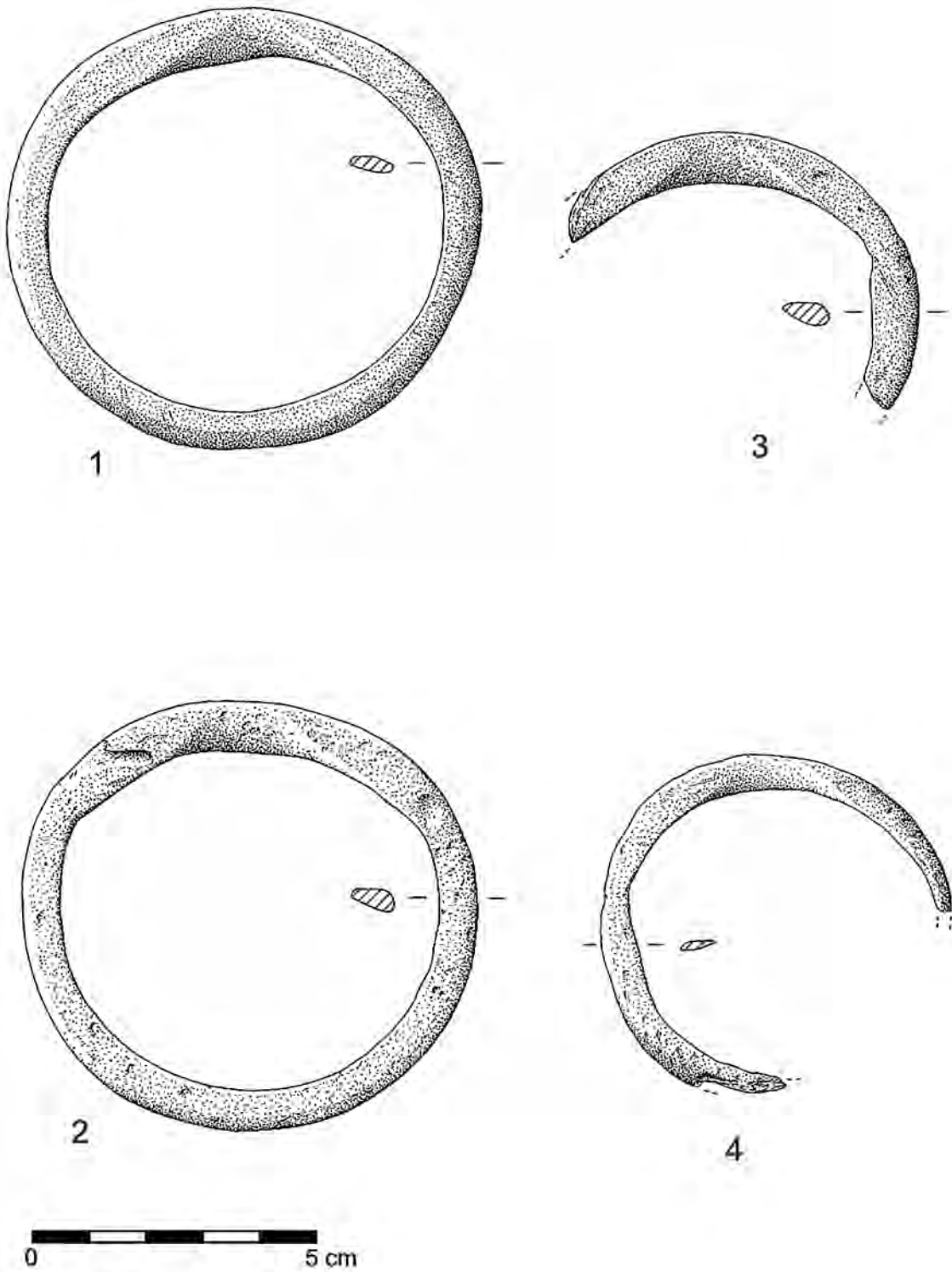


Fig. 19 - Elementos de adornos pessoais. 1-2: braceletes em concha de *Glycymeris glycymeris*, intactas; 3-4: braceletes em concha de *Glycymeris glycymeris*, fragmentadas (materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia). 1 - n.º 64, H15; 2 - n.º 63, H15; 3 - n.º 95, H22/23; 4 - n.º 23, H7.